Lares de luz

CUIDAMOS DA VIDA
E GERAMOS
NOVA VIDA



Ernesto Sánchez Barba, fms
Superior Geral

CIRCULAR

Ir. Ernesto Sánchez Barba, Superior Geral
Circulares dos Superiores Gerais dos Irmãos Maristas
Volume XXXIII - Circular 420
8 de setembro de 2020

Título original: *Hogares de luz - Cuidamos la vida y generamos nueva vida*

Tradução
Ir. Miro Reckziegel

Editor
Instituto dos Irmãos Maristas
Casa Geral
Roma, Itália

Realização
Escritório de Comunicação da Administração Geral
Piazzale Marcelino Champagnat, 2
00144 Roma, Itália
www.champagnat.org

Lares de luz

Cuidamos da vida
e geramos nova vida

Ir. Ernesto Sánchez Barba, Superior Geral

ÍNDICE 3

INTRODUÇÃO 5

I. LARES DE LUZ 9

1. **Nossa experiência de lar** 11
2. **Maria, transparência da Luz** 13
3. **Uma espiritualidade que ilumina nossos dias** 17
4. **Marcelino, luz em meio à escuridão** 25

II. LARES DE LUZ QUE CUIDAM DA VIDA 31

1. **Viver a comunidade como uma experiência fundante** 33
2. **Cuidar de si mesmo** 37
3. **Cuidamos das pessoas** 38
4. **Estruturas que cuidam da vida** 44
5. **Cuidamos da casa comum** 46
6. **Cuidamos da luz, cuidamos de Deus** 50

III. LARES DE LUZ QUE GERAM NOVA VIDA 59

1. **Geramos vida a partir da coerência** 62
2. **Sonhamos gerar nova vida** 65
3. **Ajudando-nos a sonhar** 68
4. **Gerar vida junto com os jovens** 72
5. **"Para que tenham vida": recriar nossa cultura vocacional** 75
6. **Um futuro com nova vida marista** 79
7. **Acompanhamos a vida marista nascente** 87

CONCLUSÃO 95

INTRODUÇÃO

Criar *"lares de luz"*... Que significa isso? Como ressoam no meu coração estas palavras do Capítulo Geral? Qual é minha experiência de lar e como essa experiência ilumina minha vida? É um apelo de Deus para os maristas de hoje? Sonhou Champagnat em criar lares de luz? Estas perguntas me acompanharam desde a conclusão do XXII Capítulo Geral.

Dirijo-me a todos os maristas de Champagnat, começando pelos Irmãos mais idosos, que doaram o melhor de suas vidas ao longo dos anos e que neste momento são a maioria em nosso Instituto. Dirijo-me aos Irmãos mais jovens e aos Irmãos de meia idade, agradecendo sua resposta fiel em meio a um mundo em contínua mudança. Pensei também esta mensagem para os Leigos maristas, que vão aprofundando seu chamado vocacional e se doam em diversas missões no mundo marista.

Ao me dirigir a este grupo tão amplo, em alguns parágrafos farei referências concretas a determinados grupos, segundo a temática exposta. Em várias ocasiões centrarei a atenção nos Irmãos e na vida das comunidades, consciente de que muitos dos elementos que exponho podem-se aplicar muito bem a todos os maristas de Champagnat, realizando as adaptações necessárias.

Construir *lares de luz*, é uma das ideias surgidas durante o Capítulo Geral, enquadrada no apelo a ser uma *família carismática global, farol de esperança,*

neste mundo turbulento. Em minhas palavras durante o momento conclusivo do Capítulo assinalava, entre outros pontos, o apelo a *formar lares que cuidam da vida e que geram nova vida.* Foi a partir destas ideias que surgiu o título desta circular.

Faz alguns meses que iniciei a redação deste texto e, no caminho, surgiu a pandemia pelo Covid-19. Vivemos esta experiência em nível mundial e a situação tem tocado praticamente todos os países onde nos encontramos presentes como Instituto. Em cada lugar, em cada país, sofremos as consequências de maneira muito semelhante. Em certo momento, duvidei se o tema que escolhi se mantinha, todavia, atual, se deveria mudar a temática ou suprimir alguns parágrafos.

Parece-me que, no contexto atual, nunca melhor que agora para falar de construir *lares de luz* frente a una situação de incerteza que parece prolongar-se. Estamos chamados a *cuidar da vida e a gerar nova vida* em momentos de grande fragilidade e vulnerabilidade do mundo. Avançaremos, se o fizermos juntos, com um olhar de gratuidade e solidariedade face a quem se encontra mais necessitado, e onde a dimensão relacional, social, comunitária, será mais importante que nunca. Quem sabe é um tempo em que algo novo quer nascer e nos pede, não só uma transformação do coração, senão também realizar mudanças radicais em nossas maneiras de ser e de agir, nas estruturas e sistemas, buscando criar um futuro renovado e diferente. Contamos com a luz que nos vem do próprio Deus e contamos com a presença de Maria.

Estamos chamados a cuidar da vida e a gerar nova vida em momentos de grande fragilidade e vulnerabilidade do mundo.

Esta circular quer ser apoio para a reflexão e impulso para uma ação decidida, junto com dois importantes documentos do Instituto: as Constituições renovadas e o documento: Ao*nde fores. Regra de vida dos Irmãos maristas*. Ao longo do desenrolar deste escrito, faço referência a eles em várias ocasiões.

Na circular apresento minhas reflexões em três capítulos, a partir do título que escolhi: *Lares de luz – Cuidamos da vida e geramos nova vida.* No primeiro capítulo, *Lares de Luz*, centro-me na importância de manter a *luz fraterna* acesa por meio da vivência de uma profunda espiritualidade, animados pela experiência de Maria e de Marcelino. No segundo capítulo a reflexão centra-se no cuidado da vida, como um elemento chave para a construção destes lares*:* cuidamo-nos pessoalmente, cuidamos dos demais, da comunidade, de nossa casa comum, "cuidamos" de Deus. Na terceira e última parte, ofereço minhas reflexões sobre gerar nova vida*:* a partir de uma vida coerente, sonhamos e nos ajudamos a sonhar, junto com os jovens, num futuro cheio de esperança; no final, destaco a importância de acompanhar e cuidar da vida marista nascente.

Queridos Irmãos e Leigos, todos maristas de Champagnat, coloco em suas mãos este escrito, querendo ajudar na reflexão de cada um de vocês, assim como de suas comunidades, fraternidades e famílias. Espero que seja uma ajuda e que nos animemos uns aos outros a criar e multiplicar os *lares de luz*. Façamos realidade o convite do XXII Capítulo Geral para ser juntos *farol de esperança neste mundo turbulento*.



Mesa de La Valla - Primeira comunidade marista

I

Lares de luz

1. Nossa experiência de lar

Ao iniciar expressava o apelo a criar "*lar de luz*", com o convite para perguntar-nos: Que significa isso? Como ressoam em meu coração estas palavras do Capítulo Geral? Qual é minha experiência de lar e como esta experiência ilumina minha vida?

Cada um de nós viveu experiências de lar, imagino que a maioria em chave positiva, seja na família ou nas comunidades que integramos ou ainda em algum tipo de vivência grupal que tivemos. Em algumas ocasiões, talvez a experiência foi menos positiva ou vivida com certas dificuldades.

Quando penso no lar, o primeiro que me vem à mente é recordar a incansável doação de minha mãe no serviço e cuidado de cada um dos membros da família. Penso também na preocupação constante de meu pai para procurar nosso desenvolvimento e crescimento. Meu lar foi o lugar onde me senti muito querido, onde aprendi a ser "eu mesmo", onde era acolhido, cuidado e, às vezes, também corrigido. Na convivência com meus irmãos e irmãs me entretive para desenvolver a generosidade e a capacidade de compartilhar, aprendi a aceitar as diferenças, a gostar de jogos e da sadia convivência, assim como a experimentar a reconciliação e o perdão.

Creio que, em meio a tudo isso, havia dois elementos básicos: o amor mútuo e a educação na fé. De meus pais aprendi o começo de minha relação com Deus. Orávamos em família. Era muito importante vivenciar a Eucaristia

dominical, assim como os tempos litúrgicos. De pequeno, me impressionava observar a devoção de papai depois de receber a comunhão ou durante as celebrações da Semana Santa. Admirei a grande devoção de mamãe para com Maria, e dela a aprendi. Recordo tê-la visto orar com frequência, com grande fé, diante da imagem de Nossa Senhora de Guadalupe, ou da Virgem de Zapopan ou do Perpétuo Socorro…. Tenho ainda muito presente aquele momento, quando me despedi dela para sair de casa e ir ao Postulado. Abraçou-me, com lágrimas nos olhos, deu-me sua bênção e me presenteou com seu próprio Terço dizendo-me: "Recorda que, a todo momento, Ela cuidará de ti". Posso também dizer que, em tempos de crise, que não faltaram, admirei sempre a fé com a qual meus pais foram capazes de enfrentar as dificuldades.

Ao pensar no lar, vêm também à mente, experiências de vida comunitária marista, aqueles espaços e tempos aonde senti a acolhida, a aceitação, o respeito. Tantas vezes que, entre os Irmãos de diversas idades, fui experimentando a alegria da fraternidade, a satisfação de estar juntos no dia a dia, na missão, nas refeições e nas conversas após as refeições, nos passeios, nos momentos de oração. O diálogo fluía facilmente, mesmo quando não faltavam dificuldades na relação. Ao recordar estas experiências e estes lugares, parece-me que, em todos eles, o animador da comunidade desempenhava um papel importante e proativo. Lembro também que, em vários desses lugares, dava-se, com facilidade, a acolhida de jovens, educadores, pais de família e de outras pessoas da obra apostólica. Gerava-se um ambiente de proximidade, simplicidade e confiança.

Em anos mais recentes, minha vivência da fraternidade tem sido mais internacional, tanto na Casa Geral como em tantas outras partes do mundo que tive o privilégio de visitar. Pude perceber, apreciar e sentir de maneira mais próxima, o valioso dom da fraternidade que herdamos de Marcelino e dos primeiros Irmãos. Sem dúvida que, este *espírito de família*, continua sendo um aspecto muito presente na vida de tantos maristas de Champagnat, nas comunidades, nas fraternidades, na vida familiar.

Quis iniciar narrando algumas experiências que poderiam ajudar-nos a formar *lares de luz* em nossas comunidades, em nossas famílias. Procurarei apro-

fundar este tema particularmente no segundo capítulo. Em continuação, quero apresentar algumas ideias relacionadas com um ponto que me parece central para gerar a fraternidade.

De onde nos surge o desejo de formar lares fraternos, *lares de luz*? Sem dúvida que a comunidade, ou a família, é um lugar aonde podemos satisfazer nosso desejo natural de querer bem e de ser queridos. O tema da missão nos une estreitamente em comunidade, pois formamos comunidades para a missão. De fato, formar comunidade e experimentar a fraternidade, já são maneiras de viver a missão. Porém, estes dois elementos, embora importantes, não bastam: penso que um aspecto fundamental para a formação de um *lar de luz* encontra-se na vivência profunda da espiritualidade, de maneira pessoal e comunitária.

Um aspecto fundamental para a formação de um lar de luz encontra-se na vivência profunda da espiritualidade, de maneira pessoal e comunitária.

Desejo oferecer algumas pistas de reflexão nessa linha, começando por olhar alguns traços relacionados a Maria e em seguida dedico alguns parágrafos à reflexão sobre nossa espiritualidade hoje. Finalizo fazendo uma referência mais direta a Marcelino, como homem que viveu a partir da luz e foi luz para os demais.

2. Maria, transparência da Luz

"No coração da Igreja, resplandece Maria"[1], com esta bela frase o Papa Francisco introduz um parágrafo referido a Maria em sua recente exortação apostólica *Christus vivit*. Depois de fazer várias referências à sua vida, o Papa termina esse espaço dedicado a ela, dizendo: *"Aquela moça hoje é a Mãe que vela pelos filhos, estes filhos que caminhamos pela vida muitas vezes cansados, necessita-*

[1] Papa Francisco, *Christus Vivit, Exortação Apostólica Pós-sinodal aos jovens e a todo Povo de Deus*, 25 março 2019, n. 43



Estátua da Boa Mãe, diante da qual rezava o Pe. Champagnat

dos, porém, querendo que a luz da esperança não se apague. Isso é que queremos: que a luz da esperança não se apague…"[2]

Desde nossas origens, a Boa Mãe teve um lugar especial e um papel chave em nossa vida como Instituto. Hoje continua tendo com a mesma atualidade de que nos inícios. Expressei em mais de uma ocasião que "*o grande presente que nos deixou Marcelino*, ao ter-nos dado o nome de Maria, foi o convite e o compromisso de *viver segundo seu coração*". O Ir. Francisco o expressa belamente assim: "*O bendito nome de Maria é o que deu vida à Congregação*".[3]

Pergunto-me se, como maristas de Champagnat, temos aprofundado suficientemente o que significa levar o nome de Maria. Conhecemos e contamos

[2] *Ibid*, n 48

[3] Ir. Francisco, Circulares, T2, *Circular de 2 de fevereiro de 1858*, p. 314

com referências muito claras sobre Marcelino e sua relação com Maria; referências que continuam sendo hoje muito iluminadoras para nós. É interessante ressaltar que a última circular do Ir. Seán Sammon (“*Em seus braços ou em seu coração. Maria, nossa Boa Mãe. Maria, nossa fonte de renovação*”) e a primeira do Ir. Emili Turú *(“Deu-nos o nome de Maria”)* referiram-se ao tema mariano.

Nos últimos anos, sobretudo em conversas pessoais com tantos Irmãos e Leigos pelo mundo, impressionaram-me os relatos e experiências que contam com relação à presença de Maria em suas vidas. Considero esta vivência um dom para o Instituto, uma forma de patrimônio espiritual, pois trata-se de experiências e testemunhos vivos de pessoas concretas. Qual foi a experiência de Maria em tua vida ao longo dos anos? Em que te inspirou e sustentou? O que isso significou em tua busca e em teu caminhar espiritual?

Necessitamos olhar e aprofundar para descobrir de onde nos vem a luz que desejamos transparecer ao querer viver uma experiência de lar em nossas comunidades e famílias.

Em Maria podemos encontrar uma fonte de inspiração importante para continuar respondendo nestes tempos novos que vivemos, “*querendo que a luz da esperança não se apague*”.[4] Desejo pôr ênfase na ideia de formar *lares de luz*, seguindo o convite do XXII Capítulo Geral. Necessitamos olhar e aprofundar para descobrir de onde nos vem a luz que desejamos transparecer ao querer viver uma experiência de lar em nossas comunidades e famílias.

O que pode ter sucedido no interior de Maria momentos depois que se atreveu a dar um sim confiante e aventureiro a Deus na Anunciação? (cf Lc 1,38). Os seus planos mudaram completamente em poucos instantes. Creio que só um coração livre e cheio de fogo foi capaz de aceitar o começo de algo novo, inusitado, desconhecido…. Em continuação, dirige-se depressa à região montanhosa para encontrar-se com Isabel (cf Lc 1, 39). E alguns meses depois nos

[4] *Christus vivit,* n. 48

deu Jesus (cf. Lc 2,7). Podemos imaginar também o que passava no coração de Maria, a ponto de dar à luz, com o susto e angústia ao não encontrar um lugar digno aonde receber o menino (cf Lc 2,7). Foi graças a seu coração livre e cheio do calor de Deus que ela foi capaz de acolher a novidade.

Uma ideia que com frequência me vem à mente: imaginar esse coração de Maria, tão livre e cheio de Deus e, portanto, transparecendo sua luz. Maria transparecia a luz de Deus, essa luz que surgia de seu interior. Ela acreditou que se cumpririam as coisas que lhe foram ditas da parte do Senhor, por isso foi chamada bem-aventurada quando visitou a Isabel (cf Lc 1,45). Acreditou na mensagem, acreditou na Palavra. Manteve essa confiança ao longo de sua vida, mesmo nos momentos mais obscuros e dolorosos.

Uma reflexão que venho fazendo desde que nos chegou a pandemia do Covid-19, é como o processo vital de Maria pode iluminar este momento de crise. Ela enfrentou os medos e dúvidas em três passos que nos podem servir hoje:
1°- sentimos a dúvida e o temor, e perguntamos a Deus: Como? Por que tudo isto?
2°- sentimos que somos pequenos nas mãos de Deus e confiamos nele. Faça-se!
3°- colocamos mãos à obra para colaborar no que podemos, servindo aos demais.
Como Maria, frente à incerteza e ao temor, necessitamos a fé, a confiança, a paixão por Deus e pela humanidade, como fundamentos sólidos para ir adiante.

Entre as frases dos Evangelhos que mencionam diretamente Maria, há uma que atrai particularmente minha atenção: *"Maria conservava todas estas coisas, meditando-as no seu coração"* (Lc 2,19). O coração se menciona muitas vezes ao longo da Bíblia, como o lugar interior da pessoa humana, onde se movem tantas ideias, sentimentos, recordações, …, porém, sobretudo, onde se percebe e se toca a essência do divino, pois este é o segredo da encarnação. Guardar, meditar, ponderar *no coração* é ler, compreender, acolher a vida e os acontecimentos a partir do olhar de Deus. É escutar a voz interna que nos sussurra o Espírito inspirando-nos as pistas a seguir.

Um coração que escuta, medita, pondera e discerne é o lugar idôneo onde brota a luz e, em consequência, a deixa transparecer. Num coração assim, surge a capacidade de diminuir o próprio ego porque se dá maior espaço à presença

de Deus. Assim imagino Maria, no dia a dia, uma mulher com coração pacificado, dedicada às tarefas ordinárias, tratando as pessoas com delicadeza e estando atenta para ajudar em suas necessidades. Imagino-a junto com José, Jesus, construindo a casa, *um lar de luz*. Imagino-a também estando atenta nos momentos de dificuldade, suavizando os possíveis atritos que apareciam de vez em quando na própria família ou entre as pessoas vizinhas. Seu rosto afável, seu sorriso, suas atitudes, suas palavras, sua paciência... em tudo isto transparecia a luz que lhe vinha do interior e que a nutria continuamente: a luz do próprio Deus, de onde nasce a entrega, serviço, gratuidade, amabilidade e paz.

Depois de contemplar Maria, posso explorar no interior de meu coração como estão minha sede e meu desejo de Deus. Olhar se meu coração conecta no íntimo com a presença de Deus que me habita. Descobrir se desejo libertar-me de tantas ataduras que me paralisam, que não me deixam avançar e que me impedem acolher a novidade e a mudança. Se possuo um coração aberto para atender às necessidades dos demais e disposto a servir sem medida.

Depois de contemplar Maria, posso explorar no interior de meu coração como estão minha sede e meu desejo de Deus.

3. Uma espiritualidade que ilumina nossos dias

"Fiel ao nome que levas, deixa que Maria inspire e modele tua espiritualidade".[5] Como maristas de Champagnat, se desejamos viver segundo o coração de Maria e queremos ser pessoas que, como ela, transparecem a luz de Deus, contamos já com um fundamento importante para construir *lares de luz*. Somos chamados a *"ser luz do mundo"* (cf Mt 5,14): *"brilhe assim vossa luz diante dos homens, para que vejam vossas boas obras e glorifiquem vosso Pai que está nos céus"* (Mt 5,16). O XXII Capítulo Geral utilizou estas duas belas imagens para ilustrar este apelo evangélico: *ser farol de esperança neste mundo turbulento* e construir

[5] *Aonde fores, Regra de vida dos Irmãos Maristas*, n. 28

lares de luz. Imagens muito significativas que conectam fácilmente com as linguagens e as culturas da imensidão deste mundo.

O Capítulo Geral, ao propor-nos *"ser faróis de esperança neste mundo turbulento",* não se referia somente a um convite pessoal, mas, sobretudo, a um apelo dirigido à comunidade: ser *luz* como *família carismática global*. Que cada comunidade, cada fraternidade, cada família, como grupo, mostre-se como esse farol que oferece luz e dá esperança a todos que o veem. Recomendou-nos, entre outras coisas, *crescer em interioridade e cultivar uma espiritualidade do coração. Viver uma espiritualidade integrada,* assim o expressamos na visão do plano estratégico da Administração Geral.

O Capítulo Geral, ao propor-nos "ser faróis de esperança neste mundo turbulento", não se referia somente a um convite pessoal, mas, sobretudo, a um apelo dirigido à comunidade: ser luz como família carismática global.

É importante reconhecer que, no tema espiritual, percorremos um caminho valioso no Instituto. Temos *o pão de casa,* rico e abundante, pão que nutriu e continuará nutrindo muitas gerações: as origens, a experiência da tradição, os traços da espiritualidade marista, a espiritualidade apostólica marista, *Água da Rocha,...*[6]

Contamos também com a experiência formidável de tantas pessoas, Irmãos e Leigos, que fizeram um profundo e importante percurso espiritual. Muitos perseveraram em práticas que os nutriram e sustentaram ao longo de anos. Contamos também com quem se comprometeu a buscar e tentar trilhar novos caminhos, quiçá pouco explorados por muitos de nós. Existem em diversas partes do mundo marista, indícios de que algo novo quer surgir e, de fato, está surgindo, no campo espiritual. Em várias Províncias e Distritos são levados a cabo projetos que oferecem às comunidades, aos educadores, aos estudantes, itinerários de *interioridade e espiritualidade*, buscando adaptar-se e dando uma resposta ao contexto de nossos dias.

[6] Cf Artigo "Águas profundas que nos reencantam", *FMS Mensagem* n.46, abril 2016, pp 119-121

Junto com este valioso percurso já feito, reconhecemos também que ainda falta muito caminho por andar. Temos portas abertas para atualizar nossa espiritualidade marista fazendo-a acessível às gerações atuais. Eu diria, não só em nível de pastoral com as crianças e jovens, senão realizando novos esforços para favorecer entre os adultos, Irmãos e Leigos, novas aprendizagens e experiências, sendo este último o mais importante: gerar espaços que permitam viver uma experiência espiritual.

Nesse tema, se queremos *navegar mar adentro* e aprofundar, parece-me que atualmente temos muitos ventos contrários. O primeiro que me vem à mente é o nível de ativismo em que provavelmente muitos de nós nos encontramos e que nos pesou fortemente nestes últimos anos. O documento sobre a *Identidade e Missão do Religioso Irmão na Igreja* o descreve muito bem: *"Os Irmãos, no seu empenho para responder* às *necessidades da missão, podem ser assediados pela tentação do ativismo, pois é muito o pão que precisa ser preparado para os comensais. O ativismo rapidamente os esvazia das motivações evangélicas e os impede contemplar a obra de Deus que se realiza em sua a*ção *apostólica. Levados pelo ativismo, acabam substituindo a busca de Deus e de sua vontade pela busca de si mesmos"*.[7]

Não é de estranhar que numa sociedade onde a comunicação se faz cada vez mais rápida e que pede respostas imediatas, parece que tudo deve ir mais rápido… pouco espaço sobra então para a reflexão, para o silêncio, para o discernimento. Assim sendo, precisamos abrir caminhos de aprendizagem sobre como viver a interioridade e como aprofundar nossa espiritualidade, como algo essencial, se desejamos ser luz em e a partir de nossos lares.

É muito provável que a experiência de confinamento que vivemos, devido à pandemia mundial pelo Covid-19, supostamente nos proporcionou uma grande aprendizagem em termos de saber ir menos rápidos, de potenciar uma atitude mais contemplativa. Tivemos a oportunidade de passar muitos momentos de silêncio, na solidão. É importante estar atentos, no momento de empreender nossas atividades cotidianas, para evitar o risco de engatar-nos no trem

[7] Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica (CIVCSVA), *Identidade e Missão do Religioso Irmão na Igreja*, 15 agosto 2015, n 40

veloz de uma vida voltada para fora e que nos faz perder facilmente o sentido daquilo que vivemos.

Com relação à espiritualidade, penso que se trata de uma aprendizagem (ou reaprendizagem), de um caminhar, de um itinerário, que começa por adentrar-se no espaço interior de nós mesmos, da dimensão chamada *interioridade*. É o espaço a partir do qual podemos dar-nos conta e somos capazes de ler e de narrar nosso próprio relato. Relemos e acolhemos nossa história passada e, sobretudo, integramos aquilo que vivemos no presente, em cada instante, tomando consciência dele desde o momento em que nos despertamos cada manhã. A *interioridade*, dimensão que nos permite acolher com paz os próprios sentimentos e nosso mundo emocional, ajuda-nos a perceber melhor o entrelaçamento de nossas áreas vitais: corporal, afetiva, psicológica e as diversas inteligências, incluída a espiritual. Faz-nos conscientes do presente como um dom, percebido em cada respiração, em cada ação, em cada encontro, naquilo que nos rodeia.

A *interioridade* dispõe nosso coração para abrir-nos ao Mistério, deixando assim espaço para a *experiência espiritual*: abrimo-nos ao encontro, reconhecemos nosso desejo para compartilhar o sonho de Jesus… *se tu conheceras o dom de Deus* (cf Jo 4,10). A partir da *experiência espiritual*, apalpamos o humano em profundidade, a ponto de vislumbrar o divino, aproximando-nos um pouco daquelas realidades intocáveis ou inalcançáveis. Percebemos mais de perto nossa vulnerabilidade, que se abraça à força geradora de vida, buscando ser curada de ataduras, de desgastes e de tudo aquilo que tem ânsia de ser libertado. Sentimos a alegria profunda própria de um coração agradecido. Brotam a confiança, a paz, a beleza e, sobretudo a misericórdia, a compreensão para comigo mesmo e para com os demais. Acolhemos e oferecemos o perdão. Damos sentido ao que vivemos. Surge a paixão por um Deus vivo e de entregar-nos a Ele servindo generosamente aos demais.

A interioridade dispõe nosso coração para abrir-nos ao Mistério, deixando assim espaço para a experiência espiritual.

É importante o cultivo da *interioridade* e da *espiritualidade*. Com frequência e constância, *entrar em nosso quarto, fechar a porta e orar a nosso Pai, que está ali, em segredo* (cf Mt 6,6). Submergir-se no interior pede tempo, espaço e, sobretudo, partir do desejo, da sede, da necessidade de ir para dentro. Requer-se a experiência do *silêncio*. *Silêncio* que nos permite encontrar ritmos mais humanos e que oferecem melhor qualidade à nossa vida. *Silêncio* que favorece nossa leitura do dom de cada instante, de cada evento, de cada encontro, à luz do Espírito que está ativo e presente. *Silêncio* que, em meio à dúvida ou incerteza diante do incompreensível, permite questionar-nos, introduz-nos no mistério, dá-nos aceitação e paz.

É no *silêncio* onde descobrimos melhor o fogo que nos habita, essa luz interior com a qual nos sentimos em casa. Quando experimentamos esta luz, os medos vão desaparecendo. A partir do *silêncio orante* somos capazes de experimentar, de maneira próxima, a presença de Deus que habita nosso coração.



La Valla – Ingresso ao subsolo da casa

Trata-se de cultivar *um olhar contemplativo*:[8]

> "Como o profeta Elias,
> descobre a presença de Deus no sussurro tranquilo
> e na brisa suave (cf 1Reis 19,12)
> entrando em quietude e silêncio.
>
> Cada dia, com serenidade, dedica um tempo
> a tomar consciência de que Deus está presente
> e a deixar que fale a teu coração.
> E escuta o Espírito
> que clama no íntimo: ¡Abba! (cf. Ga 4,6; Rm 8,15).
>
> Vivendo esta intimidade com Deus,
> compreenderás melhor seu mistério,
> bem como as necessidades e clamores do povo,
> para responder com alegria, confiança e coragem".

No início deste capítulo sinalizava que um aspecto fundamental para a formação de um *lar de luz* encontra-se na vivência de uma espiritualidade profunda, de maneira pessoal e comunitária. Faço alusão agora a algumas ideias para aprofundar mais a dimensão pessoal. No capítulo segundo farei referências ao tema comunitário, das fraternidades, da família.

No encontro de Jesus com a samaritana, narração bonita para ser meditada com profundidade, a mulher expressa a Jesus que ele não tinha com que tirar a água, pois o poço era profundo, e o questiona: *"donde tens, pois, essa água viva?"* (Jo 4,11). Jesus lhe responde: *"Todo aquele que bebe desta água, tornará a ter sede; mas o que beber da água que eu lhe der, nunca mais terá sede, mas a água que eu lhe der, virá a ser nele fonte de água que brota para a vida eterna"* (Jo 4,13-14). E ela lhe disse: *"Senhor, dá-me desta água, para eu não ter mais sede…"* (Jo 4,15).

Pergunto-me: qual é minha sede? Em verdade, sinto sede? E, quando me descubro sedento, busco beber desta água viva? Em meio às múltiplas opções que se nos apresentam cada dia - às vezes até o ponto de angustiar-nos - e, levan-

[8] *Aonde fores*, *Regra de vida dos Irmãos Maristas*, n. 27

do uma vida com um ritmo acelerado, questiono-me se inclusive não estaremos perdendo a capacidade de sentir sede. Ou, sentindo esta sede profunda, procuramos satisfazê-la enchendo-nos de coisas, ações ou experiências que aparentemente nos permitem saciá-la, mas que no fundo não nos dão uma falsa ilusão de saciá-la?

Ao longo de minha vida, vivi pessoalmente mais de um período de secura espiritual. Recordo em particular um deles. Foi um momento no qual tantas coisas pareciam perder sentido. Inclusive os temas relacionados com Deus pareciam cansar-me ou me chegavam a molestar. Minha paixão para entregar-lhe tudo diminuía e se apagava. Chegava a um ponto em que a situação me impedia não só de perceber ou sentir a presença de Deus, mas a ponto de nem sequer me sentir sedento Dele. Olhar-me nesta situação de desolação e escuridão, sem sede, levou-me a orar assim: "Senhor, concede-me experimentar a sede... Faze-me sentir sede!" No fundo, percebia a necessidade de recuperar meu desejo por Ele.

No meio do que vivia, descobri, entre outras coisas, que havia várias áreas de minha pessoa que necessitavam de atenção e reconciliação: temas de saúde, aspectos relacionados com a afetividade, situações de perdas e de luto não resolvidas ou concluídas; nesse tempo, via-me imerso numa atividade sobrecarregada; junto com isto, não sentia nenhuma atração para qualquer tema espiritual; via-me buscando e oferecendo soluções que, com o tempo, reconheço que não eram as mais adequadas. Assim, depois de orar repetidamente: "concede-me experimentar sede…"; depois de começar a compartilhar o que me sucedia e fazer-me ajudar; depois de retomar com mais constância meus tempos de silêncio, de leitura espiritual, de oração pessoal, pouco a pouco, senti que voltava a experimentar a sede de Deus e se dava, paulatinamente, um belo reencontro. Situações como esta, levaram-me a experimentar-me mais como discípulo,

Pergunto-me: qual é minha sede? Em verdade, sinto sede? E, quando me descubro sedento, busco beber desta água viva?

a sentir-me continuamente a caminho, em busca e aprendizagem, a aceitar os altos e baixos e a desejar que nunca mais se apague em mim a sede…

Durante o retiro que o Mons. Tolentino pregou ao Papa Francisco e à Cúria romana, no ano 2018, abordou o tema da sede. Sinalizava que, no plano físico, temos sede e não nos damos conta. E que, em geral, bebemos menos do que deveríamos. Transpondo isto ao plano espiritual, valeria a pena perguntar-se: acaso reconhecemos a sede que há em nós? Somos conscientes da desidratação que, voluntária ou involuntariamente, nos impomos? Tomamos tempo para decifrar o estado de nossa sede? E dizia: "Não é fácil reconhecer que se tem sede, porque a sede é uma dor que descobrimos pouco a pouco dentro de nós, atrás de nossos habituais relatos defensivos, ascéticos ou idealizados; é uma dor antiga que, sem saber exatamente como, temos reavivado e tememos que nos debilite; são feridas que nos custam afrontar, e mais ainda, aceitar confiadamente".[9]

Começar por sentir sede de Deus. "Somos seres carentes, feitos de desejos infinitos. Só Deus pode saciar essa brecha inacabada que existe em nós e que Ele mesmo abriu ao formar-nos à sua imagem. Temos sede de que se restaure em nós o Reino original. Sendo sua imagem, só Ele pode encher o que anseiam ver nossos olhos, ouvir nossos ouvidos, apalpar nossa pele, saborear nosso paladar. Por isso, temos sede Dele. Desejo do Único necessário, desejo de ser embriagados do divino".[10]

Em minhas viagens pelo Instituto, alegra-me encontrar Irmãos e Leigos maristas, que partilham sobre sua experiência espiritual: sua sede, sua busca de Deus, suas tentativas, seus progressos e também sobre seus desânimos. Temos entre nós exemplos vivos de buscadores de Deus, homens e mulheres de profunda espiritualidade. Ao mesmo tempo, como já indiquei antes, creio que nos falta muito caminho por percorrer neste tema. Talvez, vários de nós, encontramo-nos vivendo inclusive uma certa tibieza espiritual.

Quando me encontro com Irmãos e Leigos de qualquer idade, insisto com eles que nunca é tarde para retomar o caminho e para realizar novas ten-

[9] Cf José Tolentino MENDONÇA, *Elogio de la Sed,,* Maliaño, Espanha, Sal Terrae, 2018 p. 37

[10] Javier MELONI, *El Cristo interior,* Espanha, Herder, 2010, p. 101

tativas. Expresso-lhes que talvez, em seu momento, alguns elementos e práticas nos foram úteis e de grande ajuda para o caminhar espiritual, porém, talvez hoje nos ajudam menos ou simplesmente parece que já não funcionam. Então, é necessário pôr-se de novo em marcha, com uma contínua atitude de discípulo para aprender, tentar, ensaiar… Não se trata de desprezar nenhuma prática nem de impor ou sacralizar outras, senão que cada um busque e encontre o caminho que hoje melhor acalme sua sede, ajude-o a aprofundar e lhe facilite o encontro.

Pergunto-me: Qual é minha sede? Como é minha busca espiritual, hoje? Que meios concretos utilizo para saciar minha sede de Deus? Que outros meios quero usar?

Creio que nosso renascer como Instituto e seu futuro terá muito a ver com o compromisso concreto de cada um de nós em tomar-se a sério o caminhar na própria vida interior e espiritual.

Creio que nosso *renascer* como Instituto e seu futuro terá muito a ver com o compromisso concreto de cada um de nós em tomar-se a sério o caminhar na própria vida *interior e espiritual*. Tudo isto junto com o compromisso de animar-nos uns aos outros neste processo e neste esforço de maneira que chegue a ser uma busca comum e não somente individual.

Com relação ao *pão de casa*, à grande herança espiritual que recebemos, olhemos a seguir para algumas referências sobre Marcelino, homem de Deus, homem de luz. Sua experiência e o carisma recebido por meio dele nos dão pistas para nossa busca espiritual.

4. Marcelino, luz em meio à escuridão

Consideramos a vida inteira de Marcelino Champagnat como uma luz em meio a realidades obscuras que existiam em seu tempo. Luz em meio aos

jovens que considerou e atendeu de maneira prioritária e preferencial quando iniciou o Instituto e ao realizar sua missão evangelizadora. Luz em meio a seus Irmãos, com quem conviveu de maneira muito próxima, buscando formar, desde as origens, *lares de luz*. Luz entre seus companheiros Sacerdotes, mostrando o rosto materno da Igreja, vestindo o avental, pondo as mãos à obra…

Há uma narração simbólica do Ir. João Batista sobre Marcelino Champagnat recém nascido. Conta que sua mãe, "em várias ocasiões, ao aproximar-se do berço em que descansava o pequeno Marcelino, viu uma espécie de *chama luminosa* que parecia sair do peito da criança".[11] Detenho-me na ideia que o autor coloca referindo-se a uma "*chama luminosa*", sem analisar aqui a historicidade do fato, senão referindo-me ao forte simbolismo que pode ter. Marcelino, foi um filho muito querido, educado num lar onde a presença e influência de seus pais, sua tia e seus irmãos marcaram intensamente sua vida. O lar onde se assentou a base para permitir-lhe descobrir seu apelo a ser luz no mundo (cf. Mt 5,14), a ser essa *chama luminosa* que os jovens, os Irmãos e tantas pessoas tiveram a ocasião de experimentar ao encontrar-se com Champagnat. Sua vida irradiou *luz* e essa *chama luminosa* continua acesa entre nós.

Quero recordar também outra ocasião de *chama luminosa* na vida de Marcelino, quando em fevereiro de 1823, perdido na neve, em meio à tempestade, junto com o Ir. Estanislau, recorre fervorosamente a Maria: "cheio de confiança, põe-se de joelhos ao lado do Irmão que parecia ter desmaiado, e reza fervorosamente a oração do *Lembrai-vos*. Depois, trata de levantar o Irmão e fazê-lo caminhar. Apenas tinham dado dez passos, viram uma luz que brilhava não longe dali, pois era de noite. Encaminham-se em direção à luz e chegam a uma casa, aonde passam a noite".[12] Maria foi para Marcelino uma *chama luminosa* que acompanhou continuamente seus passos ao longo de sua vida.

Pergunto-me se quando aparecem as crises entre nós e nos encontramos em meio à tempestade, somos capazes de perceber a luz que brilha não distante de nós, e que se nos apresenta por meio de algum acontecimento ou de alguma pessoa concreta…. Perceber a *chama luminosa* dessa maneira, ter os olhos sem-

[11] João Batista FURET, *Vida de José Bento Marcelino Champagnat*, edição do Bicentenário, 1989, pp. 3-4
[12] *Ibid,* p. 324

pre abertos: este é o milagre! Assim o foi em Marcelino, graças a sua fé inquebrantável durante os momentos difíceis nos quais não perdeu a esperança, senão que foi perseverante e manteve seus olhos abertos para descobrir a luz.

Ao final de seus dias, Marcelino viu a grande Luz. Em seu quarto, já muito enfermo, junto com os Irmãos Hipólito e Jerônimo, pelas duas e meia da madrugada, disse-lhes: "Irmãos, a lâmpada está se apagando". "Perdoe-me, Padre – respondeu-lhe um deles -, a lâmpada está bem acesa". "Sem dúvida, eu não a vejo; aproxime-a, por favor", lhes disse Marcelino. Um dos Irmãos aproximou dele a lâmpada, porém, o bom Padre não a distinguiu. Então, com um murmúrio de voz, exclamou: «Ah, já compreendo, o que se apaga é minha vista. Chegou a hora; bendito seja Deus! ». Umas horas depois, quando a comunidade se encontrava reunida na capela para o canto da *Salve Regina*, Marcelino adormecia calmamente no Senhor. Era sábado, 6 de junho, vigília de Pentecostes.[13]

Essa luz o acompanhou ao longo de sua vida. Viveu na confiança. Não duvidou nem um instante que sua vida e missão eram obra de Deus, obra de Maria.

No começo de seus dias, quando se relata o símbolo de uma *chama luminosa*, tinha uma mãe carinhosa e piedosa a seu lado, é acolhido pelo calor do lar familiar. Durante o caminho, nas dificuldades e tormentas, descobriu constantemente a *chama luminosa* de Maria em sua vida. Em seus últimos momentos, uma *lâmpada acesa* que, diante de seus olhos se apagava, enquanto os Irmãos, formando *lar* em torno de Maria, cantavam a *Salve Rainha.* Era sábado, dia dedicado à Boa Mãe.

Essa luz o acompanhou ao longo de sua vida. Viveu na confiança. Não duvidou nem um instante que sua vida e missão eram obra de Deus, obra de Maria. Nunca se mostrou o protagonista ou o autor principal, senão que tudo referia ao Senhor, dando-Lhe glória e louvor, sentindo-se seu servidor. Viveu sempre sob da proteção maternal de Maria e acudia a ela com frequência.

[13] Cf *Ibid,* pp. 234-235

Essa luz o levou a ser audaz. Esteve sempre atento para descobrir a voz de Deus nos acontecimentos e em profunda oração. Sua audácia levou-o a ser aberto e flexível para dar novas respostas sem ficar estagnado em esquemas prefixados. Entregou-se à educação e evangelização dos jovens, atendendo com prioridade aos mais abandonados. E tudo isto fez construindo fraternidade, formando *lar de luz*. Intuiu que o testemunho grupal sempre é mais forte que o individual. Os maristas de Champagnat levamos em nosso DNA estas e outras características que nos transmitiu Marcelino e que hoje nos seguem iluminando.



Casa de La Valla, vista da estátua de Champagnat

II

Lares de luz que cuidam da vida

No início desta circular, fiz algumas perguntas em torno da ideia de criar *"lares de luz:* O que significa isto? Como ecoam no meu coração estas palavras do Capítulo? Qual é minha experiência? É um apelo? Sonhou Champagnat em criar lares de luz?

No primeiro capítulo, quis começar compartilhando a experiência de *lar* que vivi na família e nas comunidades que integrei. Em continuação, quis centrar a atenção na ideia de que, só a partir de um caminho pessoal profundo no campo da espiritualidade, seremos capazes de viver relações autênticas e sadias, tendo também a paixão necessária para entregar-nos de cheio ao serviço dos demais. Em Maria e Marcelino encontramos inspiração para tentar viver uma espiritualidade integradora que nos ajude a criar *lares de luz*.

Cuidar da vida é cuidar da *luz de casa, do lar* para que se mantenha acesa e ardente. Trata-se então do próprio cuidado pessoal, do cuidado das pessoas com quem vivemos, do cuidado de quem acolhemos, do cuidado da terra que é nossa *casa comum* e, por fim, do "cuidado de Deus". Desejo expressar minhas reflexões sobre estes aspectos dos *lares de luz que cuidam da vida.*

1. Viver a comunidade como uma experiência fundante

A palavra *Irmãos* é inseparável da palavra comunidade, implicam-se intrinsecamente. Como ser pai, mãe, irmão ou irmã, em se tratando da família. A

dinâmica que se deseja viver nas comunidades, nas famílias, nas fraternidades, inspira-se no próprio Deus, que é relação, pois *"o amor trinitário é o manancial de toda vida comunitária"* (Const. 35).

Somos chamados a viver a fraternidade em nossas comunidades como uma experiência vital: "Embora é certo que as estruturas são necessárias, a comunidade dos Irmãos expressa-se principalmente em suas atitudes. Eles se reúnem para participar mais intensamente da vida e missão de Jesus, para testemunhar a fraternidade e a filiação a que todos os fiéis são chamados. (…) A comunidade é, pois, para os Irmãos, uma *experiência*, mais que um lugar; ou melhor ainda, os Irmãos vivem em comum, reúnem-se em *um lugar* para poder desenvolver a fundo esta experiência. Desta forma respondem ao chamado a ser *peritos em comunhão (VC 46)*, sinais eficazes da possibilidade de viver relações profundas enraizadas no amor de Cristo".[14]

A palavra Irmãos é inseparável da palavra comunidade, implicam-se intrinsecamente.

A fraternidade é a palavra chave e o fio condutor ao longo do Documento "Identidade e Missão do Religioso Irmão na Igreja", cuja estrutura inspira também nossa Regra de Vida. Define-se a identidade do Irmão como "*mistério de comunhão para a missão".* Faz alusão às três dimensões com as quais a Igreja-Comunhão se apresenta a si mesma (mistério-comunhão-missão), indicando que "no centro desta tríplice perspectiva está o coração da identidade do religioso Irmão, a saber: *a fraternidade*, como dom que recebe (*mistério*), dom que partilha (*comunhão*) e dom que entrega (*missão*)". [15] Nossa Regra de Vida, expressa-o desta maneira:[16]

> Tua principal contribuição à vida da Igreja
> é estar em missão como Irmão.
> Tua vocação, no seio da Igreja,

[14] CIVCSVA, *Identidade e Missão do Religioso Irmão na Igreja*, 15 agosto 2015, n. 24

[15] *Ibid*, n. 4

[16] *Aonde fores, Regra de vida dos Irmãos Maristas*, n. 70

é um ministério que mantém viva
a consciência da fraternidade.

Tua presença recorda constantemente
que é, primordialmente, uma comunidade
de Irmãos e de *serviço (diakonía)*.

Amor trinitário, atitudes, experiência, estruturas necessárias, ser peritos em comunhão, manter viva a consciência da fraternidade… que inspirador é tudo isto para construir *lares de luz*!

Pergunto-me, se em nossas comunidades, fraternidades ou famílias, fazemos com frequência memória de nossas raízes comuns, de tudo aquilo que nos une e que é essencial, de para que e em nome de quem nos reunimos. Talvez não damos espaço suficiente para este tema e isto nos pode levar a fixar-nos mais em nossas diferenças: de pensamento, de origem, de culturas, de idade, de formação, de maneiras de orar, de trabalhar, ... Chegando assim a formar barreiras entre nós. A vida em comum chega assim a converter-se em um peso para nós, limitamo-nos, pouco a pouco, a cumprir os requisitos mínimos para "suportá-la", dando espaço ao *descuido*, ao "desencanto", e a não nos empenhar mais em atender e *cuidar* tudo aquilo que gera expectativa e vida.

Viver a comunidade "como uma experiência, mais do que como um lugar" é uma chave importante que se nos oferece quando se trata de construir lares de luz.

Viver a comunidade "como uma *experiência*, mais do que como um lugar"[17] é uma chave importante que se nos oferece quando se trata de construir *lares de luz*. Lugares aonde o cuidado e a acolhida podem dar-se naturalmente:[18]

Maria, virgem da ternura,
nos ajuda a cuidar-nos mutuamente
e a converter-nos em *maravilhosos companheiros* de caminhada.

[17] CIVCSVA, *Identidade e Missão do Religioso Irmão na Igreja*, 15 agosto 2015, n. 24

[18] *Aonde fores, Regra de vida dos Irmãos Maristas*, n. 51

Acolhemo-nos como somos,
diferentes e complementares.
Cultivamos a delicadeza, essa fineza de coração
que permite dar-nos conta do Irmão que se encontra em dificuldade
e de ajudá-lo com tato (cf. Gl 6,1).

Vivemos a hospitalidade como um serviço
que expressa nossa fraternidade universal.
Acolhemos com cordialidade aos familiares de nossos Irmãos
e a quantos chegam à nossa comunidade.
Procuramos que todos se sintam em casa,
porque neles, Cristo vem ao nosso encontro.

O valor da inclusão é essencial na construção de *lares de luz.* Trata-se de conhecer-nos e aceitar-nos a partir da diferença e da complementaridade. Quantos de nós temos experimentado a alegria de sentirmo-nos acolhidos de forma incondicional pelas pessoas? Sim, de maneira incondicional que é a maneira como Deus nos acolhe. Ou, ao contrário, em que ocasiões temos percebido ou experimentado a rejeição, devido talvez a nossa origem, a nossa idade, a nosso aspecto físico, a nossas ideias ou, simplesmente, fruto de dinâmicas pouco sadias existentes no grupo? A acolhida começa pelo conhecimento, aceitação e respeito do outro. Dá-se em um ambiente de diálogo e relações sadias, naturais e transparentes.

Quando aceitas os outros com humildade,
cresces como irmão.
A autêntica comunhão aparece
quando renuncias a tuas expectativas sobre o outro.
Deixa de querer fazê-lo à tua imagem e semelhança,
para que possa ser *imagem e semelhança de Deus* (cf. Gn 1,27).
Pouco a pouco,
te convertes em Irmão de teus Irmãos
e das crianças e jovens a quem és enviado;
irmão de todo ser humano que cruza em teu caminho;
e, em suma, de toda a criação.[19]

Viver a fraternidade, a partir de uma profunda espiritualidade, permi-

[19] *Ibid,* n. 40

te-nos fazer da comunidade uma experiência fundante. A vida comunitária se compreende a partir do dom de Deus. Um dom que buscamos cuidar e desenvolver. Um dom que é para ser entregue.

2. Cuidar de si mesmo

No primeiro capítulo fiz referência à importância da *interioridade* e da *espiritualidade*. Só quem cuida do próprio caminho interior e espiritual, desenvolve melhor a capacidade de relações humanas sadias e duradouras e, portanto, pode centrar-se no cuidado dos demais. Sentir-me cuidado por Deus, pelos demais, por mim mesmo, faz-me mais capaz de pôr minha atenção nos outros. Do contrário, é difícil que possa entregar-me com generosidade e gratuidade. Trata-se de uma melhor compreensão e prática do *"amarás a teu próximo como a ti mesmo"* (Mt 22,39).

O cuidado de si começa pelo cuidado da própria saúde. Trata-se de um sadio equilíbrio, sem cair numa preocupação excessiva e, ao mesmo tempo, evitar qualquer tipo de negligência que, com o tempo, poderia voltar-se contra nós. Levar um ritmo de vida que integra harmonicamente o trabalho, o descanso, o exercício físico, o estudo, a convivência, o uso dos meios de comunicação, os momentos de silêncio, a participação comunitária e familiar.

O cuidado implica um maior conhecimento de si mesmo, de nosso mundo emocional, dos próprios pontos fortes e débeis. Junto com o conhecimento, é importante que se dê a aceitação e valorização de si mesmo. É de grande ajuda a retroalimentação que outros nos fazem com relação à nossa pessoa, falando-nos a verdade. Assim como a escuta humilde de nossa parte que nos permite ver-nos, como num espelho, como somos e como Deus nos vê e aprecia.

E vai junto o nosso esforço para transformar aquilo que deve ser curado, reorientado, purificado. Caminhar, acolhendo serenamente os dons e os desafios que se nos apresentam em cada uma de nossas etapas vitais. Conhecer-se, acei-

tar-se, cuidar-se nos leva a contar com um coração harmonizado e pacificado, capaz de dar e dar-se incondicionalmente.

O cuidado de si implica também o cuidado do próprio dom vocacional que me foi dado gratuitamente. A vocação forma parte inseparável de meu ser e, portanto, necessita ser cuidada, nutrida, desenvolvida. É importante olhar se aquilo que vivo e realizo favorece meu próprio crescimento vocacional ou, pelo contrário, se de maneira mais ou menos consciente vou descuidando dele até chegar, pouco a pouco, a apagar ou inclusive a perder este dom que existe em mim. Cada dia temos a ocasião de agradecê-lo, cuidá-lo, compartilhá-lo e fazê-lo crescer.

O cuidado de si implica também o cuidado do próprio dom vocacional que me foi dado gratuitamente.

3. Cuidamos das pessoas

Ter cuidado de si mesmo é uma contribuição e enriquecimento para a comunidade. Cuidar-nos, para melhor cuidar dos outros. Desejo oferecer algumas de minhas reflexões dirigidas ao cuidado dos outros. Não pretendo fazer um longo tratado sobre a vida comunitária, este seria talvez um tema para algum escrito posterior. Mais adiante, no terceiro capítulo, mencionarei a ideia de *gerar nova vida*, para a qual é necessário, como condição prévia, ter vida e cuidá-la.

Mencionei o *espírito de família* como um dos pontos fortes presente no Instituto. Grande número de comunidades e lugares que visitei, nos diversos continentes, são uma prova disso. Além das línguas e culturas, é de grande riqueza sentir a acolhida em ambiente de família: atenções e serviços recebidos, ambiente de confiança, tempos compartilhados gratuitamente, sentido do humor, … Valorizamos este traço marista presente entre nós, que vem de nossas origens, pois "cultivar o espírito de família forma parte da visão genuína de



La Valla - Marcelino Champagnat com o jovem Gabriel Rivat (Ir. Francisco)

Marcelino sobre a fraternidade".[20] Com frequência, pessoas de fora no-lo recordam e o fazem notar positivamente, quando contataram alguma de nossas comunidades ou fraternidades.

Espírito de família feito de pequenas virtudes maristas: paciência, amabilidade, tolerância, cortesia, honestidade, escuta atenta, disponibilidade, apoio mútuo, serviço e hospitalidade.[21] Espírito de família que ajuda a construir *lares de luz* onde cuidamos da vida de cada um dos que os habitam.

Sou testemunha do grande cuidado que se tem no Instituto para com nossos Irmãos idosos ou enfermos. Contamos com equipes, formadas por Irmãos e Leigos, dedicadas admiravelmente ao serviço destes homens que se doaram

[20] *Ibid*, n. 55
[21] Cf. *Ibid*, n. 56

em cheio à missão marista ao longo de seus anos. Isto constatei particularmente durante as visitas que fiz aos Irmãos idosos em diversos países.

Também me alegra o coração ver a maneira como se apoiam e ajudam uns aos outros, os Irmãos anciãos. Um se oferece para conduzir a cadeira de rodas, um outro oferece o braço para que o Irmão se apoie ao subir a escada, algum recolhe o prato da mesa, outros passam o tempo com algum jogo de mesa ou conversando. Ao visitar a capela, alguns estão ali, orando em silêncio ou rezando o terço… recordo-me de mais de um Irmão que compartilhava comigo sobre as horas de oração que passava pessoalmente diante do Santíssimo cada dia.

A maioria de nossas comunidades são privilegiadas ao contar com Irmãos de certa idade, homens cheios de experiência e de entrega fiel. Como poderíamos ter melhor cuidado deles e aproveitar mais a riqueza de sua sabedoria e experiência? Ter cuidado, respeito e acolhida de sua pessoa. Dar atenção à sua saúde, higiene e asseio pessoal. Oferecer-lhes uma presença de qualidade e saber passar tempos gratuitos com eles. Cuidado que se expressa respeitando sua maneira de ser, de atuar e de pensar, buscando compreender o que viveram ao longo de sua vida, em mundos tão distintos ao atual. Ao mesmo tempo, acompanhando-os em seu processo de adaptação às novas formas e estilos comunitários ou da missão que buscam responder aos tempos que hoje vivemos. Encontrei Irmãos de idade com uma grande capacidade de adaptação e mudança. Alguns, para dar um exemplo, com grande capacidade para o uso da cibernética e dos meios de comunicação atuais.

A maioria de nossas comunidades são privilegiadas ao contar com Irmãos de certa idade, homens cheios de experiência e de entrega fiel.

Este tema aplica-se também às nossas famílias, com relação ao cuidado das pessoas idosas. Em alguns países ou culturas, sabemos do risco existente de descuido em relação aos anciãos em nossa sociedade de consumo ou "do descarte", como o chamou o Papa Francisco: "Deus não conhece nossa cultura atual

do descarte, em Deus isto não tem lugar. Deus não descarta nenhuma pessoa; Deus ama a todos, busca a todos: um por um! Ele não conhece a expressão «descartar as pessoas», porque é todo amor e misericórdia".[22]

A pandemia do Covid-19 que afetou de modo especial e com mais dor as pessoas idosas, deveria fazer-nos refletir sobre sua importância em nossas famílias e sociedades, sobretudo quando temos visto, com tristeza e preocupação, como alguns as consideraram "descartáveis" e não souberam valorizar o tesouro que representam.

Além de mencionar nossos Irmãos idosos ou de certa idade, quero referir-me ao cuidado do Irmão de meia idade e ao cuidado do Irmão jovem. Estar atento para que cada um encontre seu espaço vital e responda com generosidade conforme seu potencial e possibilidades.

Os Irmãos de meia idade, aportam uma visão a partir de sua experiência e maturidade vocacional, e desempenham a missão com iniciativa, constância e criatividade.

Os Irmãos de meia idade aportam uma visão a partir de sua experiência e maturidade vocacional e desempenham a missão com iniciativa, constância e criatividade. É muito valiosa sua contribuição e seu apoio para com os Irmãos mais idosos e para com os Irmãos mais jovens. Nesta etapa, vive-se a espiritualidade com uma maior densidade. Muitos deles desenvolvem uma importante missão de liderança em diversos campos, comunitário, apostólico, de animação e governo nas Províncias e Distritos.

Por sua vez, é uma época em que aparecem propostas importantes e na qual podem dar-se também diversos tipos de crises, ou se gerar algum tipo de dependência. Também é um momento da vida em que se confirma, com generosidade e fidelidade, a resposta ao chamado do Senhor. Até o final desta etapa,

[22] Papa Francisco, Audiência geral de 4 de maio de 2016

é muito importante aprender a situar-se quando chega o momento da aposentadoria, para abrir-se a novas possibilidades e entregar-se a elas com generosidade. Às vezes nos custa deixar aquilo a que nos dedicamos por muitos anos, e não é fácil canalizar a própria experiência e capacidade produtiva para novas formas de ação apostólica. É importante e necessário fazer-nos acompanhar nesta etapa.

Com respeito às gerações mais jovens, encontramos Irmãos que vivem com paixão e entrega sua vocação. Sua energia e criatividade são um dom para o Instituto. É preciso verificar se se encontram em um espaço adequado de acolhida e de missão, próprio de sua etapa, que permite nutrir e animar seu crescimento vocacional. Às vezes se situam num ambiente ou estrutura que pareceria muito mais afogar e descuidar da vida.

Sinalizo em particular a importância de pôr nossa atenção nas novas gerações que se integram em nossas comunidades, após haver realizado as primeiras etapas de formação inicial. Refiro-me aos Irmãos com votos temporários que terminaram a primeira etapa do Pós-noviciado (chamada comumente escolasticado). Quão importante é o cuidado desta nova geração de Irmãos. Após um longo período de formação, vêm às nossas comunidades, cheios de entusiasmo, com grande energia para o trabalho apostólico entre os jovens, com belos sonhos de futuro e de vida marista. Existem lugares onde são acolhidos e acompanhados muito bem. Ressalto porém que, que, tristemente, em muitas partes isto é descuidado.

Sinalizo em particular a importância de pôr nossa atenção nas novas gerações que se integram em nossas comunidades.

Essa etapa, junto com os Irmãos que recentemente fizeram sua profissão definitiva, é uma etapa fundamental na consolidação do caminhar vocacional. Necessitamos pôr mais energia e buscar as estruturas mais adequadas para cuidar destes Irmãos. Todos e cada um na comunidade, particularmente o animador comunitário, desempenhamos um papel importante na formação do lar com relação aos Irmãos jovens. Com frequência pedimos que eles se adaptem a nossas comunidades e talvez tenham que ser nossas comuni-

dades as que aprendam a adaptar-se a eles, como fez Marcelino. Caminhemos juntos, eles têm muito que aportar e nós temos muito que oferecer-lhes. Para isto é importante a comunicação contínua, próxima e aberta com eles.

Parece-me importante sublinhar esse tema do cuidado dos Irmãos de todas as idades, assim como dos Leigos e Leigas com quem compartilhamos vida e missão. Exercitar com os demais a virtude da delicadeza, "essa fineza de coração que permite dar-nos conta do Irmão que se encontra em dificuldade e ajudá-lo com tato".[23] Como estamos atentos para descobrir o irmão ou irmã quando se encontra em dificuldade? Que meios empregamos para apoiá-lo? Com frequência estamos submergidos num ritmo de vida muito intenso, dedicados plenamente às atividades relacionadas com a missão, ou de qualquer outro tipo, às vezes às vezes raspando no ativismo, no ativismo, ao qual me referi no início desta reflexão. Estas ideias sobre o cuidado das pessoas, falam-nos também da sensibilidade e atenção que igualmente precisamos ter com os Leigos e suas famílias que participam da vida e missão do Instituto.

Parece-me importante sublinhar esse tema do cuidado dos Irmãos de todas as idades, assim como dos Leigos e Leigas com quem compartilhamos vida e missão.

Um esquema de atividades e de vida sobrecarregado nos leva ao descuido de nós mesmos e também ao descuido dos que estão ao nosso lado. Acontece em muitas famílias, cujos pais têm que levar um ritmo árduo de trabalho, deixando-lhes pouco espaço para dedicar tempos de qualidade aos filhos ou entre eles como casal. Esta situação pode apresentar-se com frequência em nossas comunidades, aonde nos damos poucas ocasiões para o encontro gratuito, a convivência informal, inclusive até para preparar as refeições juntos. O que nos leva a viver estes ritmos acelerados? Poderiam ser consequência de estilos de vida próprios do mundo atual no qual estamos imersos? Ou serão manifestações de uma sede interior que não sabemos como satisfazer, e que pretendemos saciar com "substitutivos"?

[23] *Aonde fores, Regra de vida dos Irmãos Maristas, n. 51*

4. Estruturas que cuidam da vida

Com relação ao cuidado da vida, há um aspecto que me parece importante considerar, refere-se às estruturas. Em certas ocasiões, o aspecto estrutural é adequado, porém, às vezes não favorece o cuidado dos demais na comunidade e, portanto, não ajuda na construção de *lares de luz*. Nestas últimas décadas, o número de Irmãos tem diminuído progressivamente. Isto trouxe como consequência processos de redução de comunidades, de reorganização, de reestruturação. Por outra parte, houve modificações importantes com relação à vida comunitária: maneiras e tempos de orar, formas de relacionar-nos, atividades em comum, residências comunitárias, a própria missão.

Na atualidade, nossa vida comunitária requer uns princípios de reforma que precisam ser ativados por uma vida consagrada que deve «nascer de novo» como presença, pertença, vida e missão. Para isto, necessitam-se espaços de personalização, ritmos de desaceleração, silêncio, gratuidade, para que emerjam comunidades que vivam e atuem a partir do Evangelho e se dê uma melhor integração de vida e missão.[24]

Assistimos a tempos novos, nos quais nosso Instituto, junto com a diminuição do número de Irmãos, se encontra em contínuo crescimento com relação à missão, compartihada atualmente com tantos Leigos e Leigas maristas, educadores e pessoal administrativo. Por exemplo: com relação aos anos 60, enquanto o número de Irmãos diminuiu para um terço, neste mesmo período o número de alunos que atendemos no Instituto cresceu três vezes mais, e o número de Leigos e Leigas comprometidos na missão aumentou doze vezes mais aproximadamente.

Atualmente, a grande maioria das comunidades do mundo marista estão compostas por Irmãos, muitas delas reduzidas a um número mínimo de membros. Em várias partes do Instituto contamos com experiências de comunidades formadas por Irmãos e Leigos (umas quarenta aproximadamente). Com respeito à missão, temos um grande número de Irmãos que se aposentaram como professores ou educadores e continuam realizando uma infinidade de serviços apostólicos.

[24] Cf. Luis Alberto GONZALO DÍEZ, *El fenómeno comunitario de la vida consagrada. Hacia un nuevo paradigma de reorganización*, Madrid, Ed. El Perpetuo Socorro, 2019, p. 142

Diante desta realidade, valeria a pena revisar o aspecto estrutural. Por uma parte, olhar a maneira como a comunidade vive o dia a dia, assim como também a missão que realiza. Por outra, revisar o quanto determinadas estruturas estão favorecendo o cuidado das pessoas e da comunidade.

A missão é um objetivo nuclear, mesmo não sendo o fim único, pelo qual formamos comunidade, pois, de fato, a missão começa com a vivência e o testemunho comunitário. Valeria a pena perguntar-se, se, em algumas partes do mundo marista, não será a forma como está estruturada a missão que, de alguma maneira, parece estar tomando-nos demasiadas energias e diminuindo nossa capacidade de cuidar da vida pessoal e a dos outros.

Por outra parte, com relação ao número de pessoas, é preocupante encontrar situações onde a comunidade está formada tão somente por dois Irmãos, ou ainda, constatar o grande número de comunidades no Instituto com só três membros. Mesmo que o número em si mesmo não seria o único fator determinante para o desenvolvimento da vida comunitária, creio que numa comunidade tão reduzida, geram-se com mais facilidade espaços de solidão e a dinâmica relacional poderia tornar-se complexa.

A missão é um objetivo nuclear, mesmo não sendo o fim único, pelo qual formamos comunidade, pois, de fato, a missão começa com a vivência e o testemunho comunitário.

Além da questão numérica, seria o momento de fazer um sério discernimento sobre a maneira em que estruturamos nossa vida comunitária e seus ritmos cotidianos, mensais e anuais. Convém avaliar se as estruturas propostas favorecem que se viva a comunidade como uma experiência, se as formas de orar, de dialogar, de relacionar-se e conviver, são aquelas que melhor geram o sentido de pertença, fazem a todos sentir-se "em casa" e permitem formar um *lar de luz*. Será importante dialogar e confrontar-se fraternalmente sobre os ritmos que se vivem, pessoalmente e como comunidade. Haverá que se perguntar durante a elaboração ou avaliação do projeto comuni-

tário: que tipo de comunidade permite-nos construir um *lar de luz*? Com que características e ritmos? O que nos leva a fazer da comunidade realmente uma experiência de vida?

Os Provinciais e Superiores de Distrito, junto com seus Conselhos, poderiam também verificar se as estruturas existentes,, em nível local e em nível da Unidade administrativa, estão favorecendo o cuidado da vida.

Com respeito às estruturas, faço aqui uma breve alusão à casa ou residência aonde se encontra a comunidade. O cuidado e arrumação da casa são parte importante na hora de contar com um lar acolhedor. Começando pela ordem e a limpeza, tanto nos quartos pessoais como nos lugares de uso comum. Em muitas partes do mundo marista as comunidades utilizam casas que, em seu momento, acolheram um número grande de Irmãos. A mesma estrutura habitacional se utiliza hoje com comunidades muito mais reduzidas. Seria bom ajustar ajustar o tema da residência de maneira que responda melhor à realidade atual de cada lugar e favoreça a fraternidade. Não somos monges nem vivemos em mosteiros, senão Irmãos que vivemos em família. Isto suporia realizar um plano e um orçamento de gastos, para o que nem sempre se encontra facilidade.

Às vezes, bastaria começar por realizar uma boa limpeza e desfazer-se de tudo aquilo que não se utiliza, e também dedicar um tempo ao trabalho manual para tornar mais agradáveis os espaços de uso comum e de acolhida de visitantes. A partir de um plano simples, é fácil melhorar e cuidar do ambiente físico da casa e, quando for possível, não duvidar em realizar uma mudança de residência em busca de um ambiente que favoreça mais a vida comunitária, a acolhida, a simplicidade.

5. Cuidamos da casa comum

Durante o encerramento do XXII Capítulo Geral, expressei que nossa casa comum, nossa mãe Terra, pede-nos a gritos, depois de décadas que façamos algo para frear o uso e a exploração excessivos que fazemos dela. Sua generosidade e

abundância começam a esgotar-se, não porque não quer dar-nos mais, senão porque estamos nos aproveitando dela, de maneira exagerada e sem controle.

O Papa Francisco, em sua carta Encíclica *Laudato Si'*, sobre o cuidado da casa comum, expressa que não basta que cada um seja melhor para resolver uma situação tão complexa como a que afronta o mundo atual. A problemas sociais se responde com redes comunitárias, não com a mera soma de bens individuais. E que a conversão ecológica que se requer para criar um dinamismo de mudança duradoura é também uma conversão comunitária.[25]

No Sínodo sobre a Amazônia, mencionou-se a necessidade de novos caminhos de conversão ecológica. Expressou-se assim: "Nosso planeta é um presente de Deus, porém sabemos também que vivemos a urgência de atuar frente a uma crise socioambiental sem precedentes. Necessitamos uma conversão ecológica para responder adequadamente"[26] . E na sequência: "Deus nos deu a terra como dom e como tarefa, para cuidá-la e para responder por ela; nós não somos seus donos. A ecologia integral tem seu fundamento no fato de que «tudo está conectado» (LS 16).

"Dessa forma, ecologia e justiça social estão intrinsecamente unidas (cf. LS 137). Com a ecologia integral emerge um novo paradigma de justiça, já que «uma verdadeira abordagem ecológica se converte sempre em uma abordagem social, que deve integrar a justiça nas discussões sobre o ambiente, para escutar tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres» (LS 49). A ecologia integral, assim, conecta o exercício do cuidado da natureza com aquele da justiça pelos mais empobrecidos e desfavorecidos da terra, que são a opção preferida de Deus na história revelada." [27]

São vários e constantes os chamados da Igreja para despertar o sentido do cuidado de nossa casa comum. Por outra parte, estudos profissionais do tema da ecologia nos indicam a urgência cada vez maior de uma ação coletiva, do contrá-

[25] Cf. Papa Francisco, *Carta Encíclica Laudato Si', sobre o cuidado da casa comum* (LS), 2015, n. 219

[26] Sínodo dos Bispos, 6-27 outubro 2019, Documento final, *Amazônia: novos caminhos para a igreja e para uma ecologia integral*, n. 65

[27] *Ibid,* n. 66

rio seguiremos sofrendo as consequências e deixaremos um legado às próximas gerações com possibilidades inabitáveis.

Para cuidar de nossa casa comum, todos temos que passar por uma alfabetização ecológica e revisar nossos hábitos de consumo. É preciso desenvolver uma ética do cuidado: "O cuidado da Terra representa o global. O cuidado do próprio nicho ecológico representa o local. O ser humano tem os pés no chão (local) e a cabeça orientada para o infinito (global). O coração une chão e infinito, abismo e estrelas, local e global. A lógica do coração é a capacidade de encontrar a justa medida e construir um equilíbrio dinâmico".[28]

Para cuidar de nossa casa comum, todos temos que passar por uma alfabetização ecológica e revisar nossos hábitos de consumo.

Não é meu objetivo realizar um extenso desenvolvimento do tema neste escrito. Desejo colocá-lo no contexto dos *lares de luz* que desejamos formar. O XXII Capítulo Geral nos convidava a "despertar em nós e ao nosso redor uma consciência ecológica que nos comprometa com o cuidado de *nossa casa comum.*[29] Propunha de maneira concreta, na área da missão: "Criar uma consciência ecológica integral em todas as nossas comunidades e nas diferentes áreas da missão, e desenvolver políticas em todos os níveis do Instituto que fortaleçam nosso compromisso com o cuidado de *nossa casa comum*.[30]

Estas ideias propostas pelo XXII Capítulo foram retomadas no Plano Estratégico da Administração Geral no projeto "Dos egos aos ecos", onde se busca implementar um programa de conscientização ecológica em todo o Instituto, em sinergia com as Regiões e as Unidades Administrativas. Busca-se também

[28] Leonardo BOFF, p. *El cuidado esencial. Ética de lo humano, compasión por la Tierra*, Madrid, Ed. Trotta, 2002, p. 109

[29] Irmãos Maristas, *Documento do XXII Capítulo Geral*, no apelo 5 "Responder com audácia às necessidades emergentes", Rio Negro, Colômbia, 2017

[30] Irmãos Maristas, *Documento do XXII Capítulo Geral*, "área de Missão", Rio Negro, Colômbia, 2017



Rio Gier – Notre-Dame de l'Hermitage

desenvolver compromissos eco-ambientais que garantam a sensibilidade ecológica de nossas novas formas de ser marista hoje. [31]

Por isso, repito algumas perguntas que me acompanham desde então: Que consequências positivas se alcançariam, se como maristas, tomássemos a sério uma ação conjunta, aportando nosso grão de areia nos 80 países onde estamos presentes? Poderíamos começar por nós mesmos com uma ação pessoal que incida progressivamente em nossas Províncias, Distritos e Administração Geral? Já contamos com iniciativas aqui e ali... Como contagiar-nos mais com tudo isto?

Imaginemos como esse tema da ecologia do cuidado de nossa casa comum poderia ser contemplado em decisões importantes com respeito a estrutu-

[31] Cf. Irmãos Maristas,, Administração Geral, *Plano Estratégico 2017-2025 para a animação, liderança e governo*, Projeto 18

ras, construções, utilização de recursos… e sobretudo a influência positiva que poderíamos ter em tantas pessoas, famílias, crianças e jovens que, em suas decisões cotidianas, vão transformando o mundo. Para tanto trata-se de fazer efetivo este tema da formação na ecologia, utilizando nossas estruturas educativas e pastorais.

Cada uma de nossas comunidades e famílias, como lares de luz que desejamos formar, pode ser um laboratório ativo do cuidado de nossa grande casa comum.

Nosso Instituto desempenha um papel fundamental na educação. "A grande ecologia sempre incorpora um aspecto educativo que provoca o desenvolvimento de novos hábitos nas pessoas e nos grupos humanos. (…) Não haverá uma ecologia sadia e sustentável, capaz de transformar algo, se não mudam as pessoas, se não as estimulamos a optar por outro estilo de vida, menos voraz, mais sereno, mais respeitoso, menos ansioso, mais fraterno".[32]

Cada uma de nossas comunidades e famílias, como *lares de luz* que desejamos formar, pode ser um laboratório ativo do cuidado de nossa grande casa comum. Trata-se de iniciar, com ações concretas e simples, no dia a dia, ao mesmo tempo que avaliamos e melhoramos as estruturas e meios que utilizamos.

6. Cuidamos da luz, cuidamos de Deus

"*Em tua luz vemos a luz"* (Sal 36,9). Queremos cuidar da *luz*, queremos cuidar de Deus. Poderia parecer estranha a expressão *queremos cuidar de Deus*, quando na realidade é Deus quem vela constantemente por nós e nos cuida. Quero referir-me ao *cuidado de Deus* no sentido de recordá-lo, de tê-lo presente, de cuidar nossa relação pessoal e comunitária com Ele, de ser pessoas que discernem sua vontade e desejam vivê-la; e também no sentido de cuidar dos lugares de Deus, que consideramos "sagrados" porque aí apalpamos ou sentimos mais de perto sua presença.

[32] Cf. Papa Francisco, *Exortação Apostólica Pós-sinodal, Querida Amazônia*, 2 de fevereiro de 2020, n. 58

Tenho sublinhado a necessidade de nossa busca espiritual, centrando-me na importância de um caminhar pessoal nesta busca. Aqui desejo referir-me mais ao tema espiritual vivido em comunidade. Na Regra de Vida encontramos:[33]

> Abre teu coração para partilhar a fé e a vida
> com tua comunidade e com outras pessoas.
> O apoio mútuo sustentará e enriquecerá teu caminho.
>
> Faz esse caminho com outros maristas, Irmãos e leigos,
> e converte-te em mestre de oração para os jovens e suas famílias.
> Partilha a vida litúrgica de tua igreja local
> e deixa-te evangelizar pela fé singela da religiosidade do povo.
>
> O contato com outras tradições espirituais ou famílias religiosas
> far-te-á apreciar novos traços do rosto de Cristo
> e desenvolver uma espiritualidade de comunhão.

Nossa relação com Deus é única e singular, como única e singular é cada uma das pessoas. Ao mesmo tempo, realizamos sua busca e vamos a seu encontro juntos. Cada pessoa é mediação de Deus em nossa vida, pois, cada ser humano é seu reflexo, uma vez que fomos criados à sua imagem e semelhança (cf. Gen 1,27). Por isso somos convidados a partilhar a fé e a vida com nossa comunidade e com outras pessoas, pois o apoio mútuo sustenta e enriquece nosso caminhar.[34] É uma base fundamental para a construção de *lares de luz*.

A capacidade de entrar em contato com nosso mundo interior, iluminado pela fé, permite-nos distinguir aquilo que vem ou não do Espírito.

A capacidade de entrar em contato com nosso mundo interior, iluminado pela fé, permite-nos distinguir aquilo que vem ou não do Espírito.

[33] *Aonde fores, Regra de vida dos Irmãos Maristas*, n. 31
[34] Cf. *Ibid*, n. 31

Permite-nos diferenciar quando se trata de nosso ego que busca chamar a atenção, alimentando sua vaidade e orgulho próprio, ou então quando se trata de aceitar com simplicidade e humildade que esse mesmo ego nos fez passar por uma má jogada… Quantas situações de relações humanas difíceis, e inclusive de bloqueios, poder-se-iam ter tratado de forma diferente se cada qual olhasse com sinceridade e humildade sua própria verdade e a verdade do outro, a partir da luz do Espírito. Não me canso de indicar a importância das relações humanas, em comunidade, em família, em fraternidade, como um fruto importante na caminhada espiritual.

Cuidamos dos espaços comunitários de oração. Cuidar o espaço de oração em comum significa não só preparar bem a animação de um tempo de oração, aspecto que que em si já é importante e necessário... Cuidar o espaço comunitário de oração é estar atento para que as relações do grupo se vivam em harmonia e transparência. Que difícil será partilhar nossa fé, se não somos capazes de partilhar as coisas cotidianas, os acontecimentos simples de nossa vida e família, nossas emoções ou nossos sonhos. É bonito experimentar um momento de oração juntos em que cada um pode expressar-se com liberdade e pôr em comum suas alegrias e preocupações, seus acertos e dificuldades. Um clima de relações genuínas permite viver uma oração comum mais autêntica. Nesse ambiente, a Palavra, os cantos, os salmos, os tempos de silêncio, as participações, tudo forma um conjunto integrado ao redor da fé que permite apalpar a presença de um Deus vivo, atuante e próximo.

Em contraposição, poderia indicar um tipo de oração comum que às vezes se vive em nossas comunidades ou famílias onde o grupo se limita a rezar certas fórmulas, inclusive de maneira um pouco automática ou mecânica. Dão-se muitos elementos, porém, parece que há pouca conexão entre os participantes e com o próprio Deus. Alguém poderia terminar este tempo de oração ou celebração em comum com a sensação de que não aconteceu nada e de que não se tocou a vida. Orar com os Salmos, orar com o Terço, repetir o canto cotidiano da Salve Rainha, meditar o Evangelho do dia… utilizando estes mesmos componentes na oração comum, são meios valiosos, porém, quanta diferença pode haver na maneira de fazê-lo!

Meu convite é cuidar destas orações e celebrações em comum. Bem preparadas, não improvisadas, bem motivadas, buscando conectá-las com a vida, sem sentir a pressão de ter que cumprir certa obrigação para rezar tal ou tantas coisas, deixando também espaços ao silêncio para que Deus fale mais e nós menos… simplesmente deixar surgir o ritmo comunitário próprio de cada grupo, adaptado à idade e momento vital dos participantes, sensíveis também ao grupo de visitantes quando participam da oração. E mostremo-nos abertos à criatividade da pessoa que anima, quem honestamente busca partilhar a maneira como melhor conectar com a vida de Deus. Recordando que não se trata de buscar a originalidade nem de inventar cada dia algo novo, senão de cuidar ativamente a relação com Deus.

Junto com os tempos de oração e celebração vividos em comum, parece-me que outro aspecto importante é cuidar dos lugares dedicados a Deus. Desde nossas origens, o Pe. Champagnat e os primeiros Irmãos, temos uma tradição positiva com relação ao cuidado dos lugares religiosos. O espírito de fé do Pe. Champagnat, que transparecia em sua maneira de orar e de celebrar, inspirava-lhe também um profundo respeito aos objetos religiosos e a quantos tinham relação com Deus.[35] "Apesar de estimar de modo especial a pobreza e procurava com esmero que reinasse na comunidade, queria que a capela e quanto tocasse ao culto divino fosse exceção (…) Ao chegar a La Valla, encontrou a igreja suja. Pôs-se, ele mesmo, a tirar a poeira e as teias de aranha que cobriam as paredes; a caiar algumas partes da parede que se encontravam em estado lamentável; a limpar candelabros, cruzes, imagens e quanto servia de ornamento; a encerar semanalmente o estrado do altar e conservar limpa a sacristia".[36]

Junto com os tempos de oração e celebração vividos em comum, parece-me que outro aspecto importante é cuidar dos lugares dedicados a Deus.

[35] Cf. João Batista FURET, *Vida de José Bento Marcelino Champagnat*, edição do Bicentenário, 1989, p. 265

[36] Cf. *Ibid*, p. 309

É admirável o cuidado que têm muitas comunidades com relação aos lugares sagrados, como a capela ou o oratório. Além de encontrar ordem e limpeza, percebe-se o bom gosto com o qual estão decorados. Contam com mobiliário adequado para favorecer a oração pessoal e comunitária. Por outra parte, em muitos lugares percebe-se na capela ou oratório certo descuido em relação à limpeza e ordem. Ao entrar, tem-se a impressão de estar num lugar velho, pouco atrativo, algo abandonado… que pouco convida a orar e a permanecer ali. A comunidade poderia esforçar-se em dar um melhor arranjo e apresentação a esses lugares sagrados para criar um espaço digno que favoreça a vida de oração. Hoje, em muitos lugares, também estes espaços necessitam renovação, e um "novo estilo" de luz, ar fresco e silêncio que os façam "oásis de paz", novas "tendas do encontro".

Quantas famílias têm também em seu lar um pequeno espaço para a Palavra de Deus, ou um ícone em um lugar propício, ou uma imagem de Maria…

Mais além do que mencionei, com relação a lugares e aos tempos de oração em comum, creio que o ponto capital com relação ao cuidado de Deus refere-se ao nosso *ser pessoas de Deus*, homens e mulheres reconhecidos como tais. Trata-se da maneira como vivemos e fazemos presente a Deus, em uma sociedade que tem a tendência de fazê-lo desaparecer. Nós, religiosos consagrados, imersos neste mundo, poderemos, às vezes, dar a impressão de fazê-lo pouco presente, alguns talvez mostrando como se nos houvéssemos acostumado a viver sem Deus. Por isso insisto na espiritualidade como um ponto capital, sublinhando a importância que tem nosso testemunho comunitário de um Deus presente e ativo em nossas vidas.

Vale a pena recordar como vivia Marcelino e como Deus estava presente em sua vida: "O exercício preferido do Padre Champagnat era o da presença de Deus. Estimava-o mais que qualquer outro, por inclinação natural, por atração e, sobretudo, porque Deus mesmo o dispôs como o meio mais direto e eficaz para alcançar a perfeição. *Anda em minha presença* - disse o Senhor a Abraão - *e serás perfeito* (Gn 17, 1)".[37] Assim o expressam nossas Constituições: "Como Marcelino, estamos atentos a reconhecer a presença de Deus e a experimentar seu amor nos acontecimentos de nossa vida" (Const. 45).

[37] Cf. *Ibid,* p. 295

Marcelino concebeu na oração todos os projetos e realizou todas as suas obras. Com a oração iniciava, prosseguia e concluía tudo: "Jamais me atreveria a empreender algo sem tê-lo encomendado muito tempo ao Senhor, afirmava; primeiro, porque é fácil que o homem se equivoque seguindo seus próprios critérios ou crendo que suas expectativas são projetos inspirados por Deus; e, segundo, porque nada é possível sem a ajuda e proteção do céu" [38]

Nossa oração e vida espiritual adquirem sentido em Jesus, o homem orante: *"Ninguém vai ao Pai senão por mim"* (Jo 14,6). A oração de Jesus é um mistério de silêncio interior, de união íntima com o Pai. Como pessoa orante, Jesus vivia em atitude contínua de discernimento, buscando realizar a vontade do Pai a partir de seu olhar iluminador. Inclusive em momentos tão difíceis como em Getsemani: *"Meu Pai, se é possível afaste de mim este cálice; todavia não se faça como eu quero, mas sim como tu queres"* (Mt 26, 39).

Marcelino concebeu na oração todos os projetos e realizou todas as suas obras.

Durante o XXII Capítulo Geral, vivemos fortes momentos de oração, pessoal e comunitária, fizemos um delicado exercício de discernimento, buscando responder a duas perguntas fundamentais: Quem deseja Deus que sejamos neste mundo emergente? Que deseja Deus que façamos neste mundo emergente?[39] Trata-se de um contínuo perguntar-nos, não só para nosso *fazer,* senão sobretudo para nosso *ser*. Perguntas que poderemos repetir com frequência em nossas comunidades, fraternidades ou famílias, na obra apostólica. E também em nível Provincial ou de Distrito. Quantos aspectos de nosso ser e fazer cotidiano talvez mudariam se nos perguntássemos seguidamente aonde está Deus em meio de tudo isto, aonde está sua vontade.

A Regra de Vida o propõe assim:[40]
Como comunidades, províncias e Instituto,
também exercitamos a obediência na constante busca da vontade de Deus.

[38] Cf. *Ibid*, p. 269

[39] Cf. Irmãos Maristas, *Documento do XXII Capítulo Geral*, parágrafo "Um novo La Valla, princípios e sugestões", Rio Negro, Colômbia, 2017

[40] *Aonde fores*, *Regra de Vida dos Irmãos Maristas*, n. 16

Participa com teus Irmãos nesses discernimentos,
em ambiente de oração e com visão de fé.
Está sempre atento à Palavra de Deus
e busca ser fiel ao carisma fundacional
e *aos sinais dos tempos*.

Cuidar de Deus é buscar transparecê-lo com nossa vida, como fez Maria. A vida religiosa poderá ter muitos aspectos em crise e seguramente mudarão muitos aspectos enquanto a maneiras de vivê-la em nossos dias, com relação ao que se viveu no passado. No meio de tudo isso, há um ponto que é essencial: *ser pessoas de Deus*. E isto não se impõe nem se finge… se não nasce de dentro, se não se baseia na experiência. Somos chamados a *cuidar de Deus*, a cuidar para que em nossas sociedades e culturas se descubram seus raios iluminadores, para que haja uma maior capacidade de discernir os sinais dos tempos.

Cuidar de Deus é buscar transparecê-lo com nossa vida, como fez Maria.

E conscientizemo-nos de que, em meio de tudo o que hoje se vive, há um Deus presente que *busca cuidar-nos* continuamente, porém existem aqueles que possivelmente pouco o escutam ou acreditam nele. Presenciamos a um momento em que nossas instituições de Igreja, incluída a nossa, perderam e continuam perdendo credibilidade. O momento atual pede testemunhos vivos da misericórdia de Deus, como maravilhosamente o expressou o XXII Capítulo Geral: Chamados a *ser o rosto e as mãos de sua terna misericórdia.* Que sejamos capazes de escutar a Deus, de encontrar-nos com ele sem medo, de cuidá-lo… para ser seu rosto, pessoalmente, em fraternidade e em família!



Notre-Dame de l’Hermitage

III

Lares de luz que geram nova vida

Nosso Fundador, São Marcelino, nasceu num tempo de agitação social, de crises, de revolução. Em seu momento, foi capaz de ler os sinais dos tempos e de discernir o chamado de Deus a ser luz, particularmente entre os jovens mais abandonados. Contou com a boa vontade e arrojo dos primeiros maristas que se uniram ao projeto educador e evangelizador que começava a gestar-se. A vida fraterna foi um dos eixos centrais que os fez capazes de construir um *lar de luz*.

O Ir. Emili Turú, em sua carta *La Valla, casa da luz*, expressa-se de uma forma muito feliz sobre essa primeira residência: "a casa de Champagnat, a casa de Maria, converte-se para nós em casa da luz (…) Nessa casa, nossos primeiros Irmãos encheram de luz seus olhos e seu coração. Deixaram-se invadir por uma luz que preencheu de sentido suas vidas e iluminou os caminhos de sua peregrinação vital. Hoje a casa de La Valla continua sendo fonte luminosa que alimenta nossa espiritualidade. Indica-nos o caminho a seguir; sinaliza uma rota que cada um de nós é convidado a percorrer de maneira única e original. Além disso, ao longo desse caminho, somos chamados a converter-nos, nós mesmos, em casas de luz para os outros".[41] Somos convidados novamente hoje a construir *lares de luz* que geram nova vida.

Os tempos que vivemos, não se distanciam muito das circunstâncias e experiências que viveu Champagnat. Muitos modelos e formas de atuar, relacionados com a sociedade, com a política, com a religião, com a Igreja, parecem estar em crise e já não respondem a estes tempos em contínua mudança e evolução.

[41] Ir. Emili TURÚ, Carta *La Valla: casa da luz,* 25 de março de 2017, p. 2

Esquemas educativos e pastorais que funcionaram bem durante décadas pedem hoje mudanças radicais para poder responder à juventude atual. A experiência vivida no mundo, com relação à pandemia do Covid-19, parece levar-nos a uma revolução, pedindo-nos resgatar valores sólidos e fundamentais se queremos construir realmente uma sociedade mais humana e fraterna.

E é em meio a tudo isso que, todos os que trazemos o nome de Maria, somos chamados a ser *lares de luz que geram nova vida* em cada uma de nossas comunidades, fraternidades e famílias. Este apelo a gerar nova vida vai dirigido a todos, não importa a idade ou os anos de experiência e de compromisso que se tem na vida marista.

Neste capítulo desejo expor algumas de minhas reflexões sobre como imagino que poderíamos gerar nova vida, a partir da coerência pessoal e comunitária com os valores maristas, com os quais nos comprometemos, e com o horizonte de nossos sonhos. Buscamos que cada jovem encontre em si a luz e desenvolva o dom da própria semente vocacional. Acompanhamos cada jovem e, particularmente, aqueles que se sentem chamados a viver o carisma marista.

1. Geramos vida a partir da coerência

Como nos ensina a natureza, todos os organismos vivos geram nova vida. Embora, é claro, precisam dar-se as condições necessárias para que esta nova vida chegue a nascer e a desenvolver-se. Assim imagino que, em nossas comunidades ou famílias, sendo lares de luz e células vivas, é possível gerar vida. Ao contrário, se há falta de energia, de paixão, de luz… dificilmente se darão as condições para fazer nascer algo novo.

Nos dois primeiros capítulos desta circular, ofereci mais reflexões com relação a formar *lares de luz*, a cuidar da vida… que é a base para gerar nova vida. Compartilho-lhes sobre um encontro que tive com o Papa. Em novembro de 2019, os membros da União dos Superiores Gerais (USG) nos encontramos em audiência privada com o Papa Francisco. Foi um encontro sem discursos prepa-

rados, mas aberto às perguntas que os participantes desejavam fazer diretamente ao Santo Padre e ele respondia espontaneamente. Um encontro de quase hora e meia, muito interessante e profundo.

Pedi a palavra e, expondo ao Papa Francisco que nós das Congregações Religiosas, sentimos, ainda, com força o peso da diminuição e do envelhecimento em muitas partes do mundo, perguntei: "O senhor, , como Religioso e servindo agora como Sumo Pontífice, tem uma visão da Igreja hierárquica e da Vida Religiosa… quais seriam alguns pontos essenciais aos quais precisamos avançar no futuro como Congregações Religiosas? E o que nos recomenda, como líderes de nossas Congregações, grandes ou pequenas, a partir do ponto de vista do papel da Vida Religiosa dentro da Igreja?

E esta foi a resposta do Papa Francisco:[42] "É muito ampla a pergunta, e não saberia como abordá-la. Porém me saltava uma palavra enquanto falavas: coerência… sim, algo que me vinha: coerência. Uma pessoa coerente é significativa. Faz-se ouvir. É a parte testemunhal, não é certo? Coerência é testemunho. E não é fácil formar para a coerência. Não é fácil viver em coerência. Coerência com os princípios, coerência com a realidade, o testemunho. É a conversão que temos que fazer: dar testemunho. Foi Bento XVI que, em Aparecida, disse esta frase famosa: «A Igreja não cresce por proselitismo mas por atração»". Atração, ou seja, testemunho. Ainda não interiorizamos a dimensão testemunhal. Aquela frase de São Francisco a seus frades, que eu a tenho aí diante do meu elevador, e quando vem alguém me visitar é a primeira coisa que vê: *«Vão e preguem o Evangelho e, se for necessário, também com palavras»*. O testemunho. A coerência é testemunho".

E, para concluir, acrescentou: "Coerência, que implica a superação de uma atitude proselitista. É forte a palabra - nesta linha apologética -, passar desta atitude para o testemunhal; e deixar que o evangelizador seja o Espírito Santo. Porque uma vez que nós chegamos com a Palavra, já está o Espírito Santo nos esperando ali. Precede-nos sempre. Porém, se chegamos com nossos argumentos, o pobre fica caladinho. E isto, no discernimento espiritual, é muito importante".

[42] Transcrição feita de uma gravação

Com esta resposta, simples e concisa, o Papa Francisco foi direta e claramente a um ponto chave e vital. É a partir da coerência de vida com os valores que professamos que poderemos transmitir luz àqueles que nos rodeiam e em nossa missão entre os jovens. Uma coerência que, uma vez mais, não se finge nem se consegue a base de esforço, senão que se enraíza na experiência de Deus e seu amor. E nasce de nossa resposta de amor a ele, porque ele nos amou primeiro.

E uma coerência que, como mencionei na segunda parte desta circular, faz-se necessária não só com testemunhos pessoais de vida equilibrada e unificada, senão também com opções comunitárias. O *lar de luz* é comunitário. Haveremos de compreender que coerência de vida não significa perfeição, senão transparência e autenticidade. Os jovens não nos querem perfeitos: "a linguagem que a gente jovem entende é daqueles que dão a vida, aquele que está ali por eles e para eles, e aqueles que, apesar de seus limites e debilidades, tratam de viver sua fé com coerência". [43]

O lar de luz é comunitário. Haveremos de compreender que coerência de vida não significa perfeição, senão transparência e autenticidade.

No mundo marista, contamos com belas experiências de comunidades abertas, que irradiam alegria e fé, algumas delas consideradas "comunidades de acolhida" cuja missão principal é receber e acompanhar os jovens. Tenho presente momentos em que me impressionou o testemunho de mais de algum Irmão idoso, mostrando-se aberto, flexível, próximo, acolhedor. Encontramos encantadores exemplos de famílias, formadas por Leigos maristas que testemunham a vivência de valores coerentes com uma vida cristã e marista.

Junto com tudo isso, reconhecemos que, em muitos lugares, falta-nos avançar com mais audácia. Por exemplo, quantas vezes a um Irmão Provincial ou Superior de Distrito torna-se difícil encontrar uma comunidade que acolha,

[43] *Christus Vivit*, n. 211

por um período, um jovem postulante ou noviço, ou para integrar a um Irmão jovem como parte da comunidade, ... ou quantas comunidades ou famílias teriam dificuldade para abrir suas portas aos jovens por temor a serem desveladas no seu interior. De vez em quando poderíamos perguntar-nos: que aspectos de nossa vida testemunham uma luz atraente para os jovens e demais pessoas que nos rodeiam? Que atitudes ou ações parecem ser um contratestemunho?

A partir desta busca de uma vida coerente, pessoal e comunitária, ou familiar, é que teria sentido uma pastoral juvenil integral e vocacional entre os jovens hoje. E toda pastoral juvenil, se é autêntica, é geradora de vida abundante (o grande presente de Jesus), e é também vocacional, destinada a ajudar a cada jovem a experimentar o dom e o amor de Deus em sua vida e a responder-lhe com amor.

Junto com a palavra coerência, vem-me à mente outro termo chave para gerar nova vida: sonhar. Sim, trata-se de sonhar.

2. Sonhamos gerar nova vida

Junto com a palavra *coerência*, vem-me à mente outro termo chave para gerar nova vida: sonhar. Sim, trata-se de sonhar. Na Exortação Apostólica pós-sinodal, *Christus Vivit*, o Papa Francisco faz alusão aos sonhos dos anciãos: «*Derramarei meu Espírito sobre toda carne e seus filhos e suas filhas profetizarão, e seus jovens terão visões e seus anciãos sonharão sonhos*». (Jl 3,1; cf. At 2,17)[44] E expressa em continuação: "Os anciãos têm sonhos construídos com recordações, com imagens de tantas coisas vividas, com a marca da experiência e dos anos. Se os jovens se agarram a estes sonhos dos anciãos, alcançarão ver o futuro, podem ter visões que lhes abrem o horizonte e lhes mostram novos caminhos. Porém, se os anciãos não sonham, os jovens já não conseguem olhar claramente o horizonte".[45]

[44] *Ibid*, n. 192
[45] *Ibid*, n. 193

Porém, se os anciãos não sonham, os jovens já não podem olhar claramente o horizonte.... Chamou-me muito a atenção esta ideia do Papa Francisco. Pensando num Instituto como o nosso, com pouco mais de 200 anos de história e experiência, e com mais da metade dos Irmãos em etapa de aposentadoria. Formamos parte, como grupo de Irmãos, desse grupo de anciãos.... Que riqueza e quanta experiência! Ao mesmo tempo, somos um Instituto com juventude, temos em várias partes do mundo postulantes, noviços e Irmãos de votos temporários e contamos com um número grande de Leigos comprometidos em processos de aprofundamento de sua vocação laical cristã e marista. São muitos os jovens em nossa missão apostólica e, particularmente, com um número grande que está comprometido na pastoral juvenil. Porém, *se os anciãos não sonham, se não sonhamos...*

Também nos doem nossas infidelidades, os abandonos, a falta de fé.

Trata-se de sonhar e caminhar juntos, como disse o Papa: "Se caminhamos juntos, jovens e anciãos, poderemos estar bem arraigados no presente e, a partir de aqui, visitar o passado e vislumbrar o futuro: visitar o passado, para aprender da história e para sarar as feridas que às vezes nos condicionam; vislumbrar o futuro, para alimentar o entusiasmo, fazer germinar sonhos, suscitar profecias, fazer florescer esperanças. Deste modo, unidos, poderemos aprender uns dos outros, acalentar os corações, inspirar nossas mentes com a luz do Evangelho e dar nova força às nossas mãos".[46]

Aprender da história e sarar as feridas que às vezes nos condicionam. Por uma parte, alegra-nos ser parte de uma história de mais de 200 anos, partícipes de um carisma que nos enriquece e que tem beneficiado a tantas pessoas no mundo. Por outra, quanto nos segue condicionando, como a tantos outros Institutos religiosos, a saudade de haver sido um grande número de Irmãos e a dor que sentimos ao ver-nos diminuir e envelhecer ano após ano. Que necessitamos viver e fazer *para vislumbrar o futuro, para alimentar as expectativas, fazer germinar sonhos, suscitar profecias e para fazer florescer esperanças*?

[46] *Ibid*, n. 199

Também nos doem nossas infidelidades, os abandonos, a falta de fé. Doem-nos, e muito, os dolorosos casos de abusos de inocentes ou de falta de cuidado de nossas crianças. Doem-nos as faltas de fraternidade…. Tantas realidades e feridas que nos golpeiam, algumas com força e especial dor nos últimos tempos, e pelas quais não podemos deixar de pedir perdão. Porém, ao mesmo tempo, buscamos cura e queremos olhar para frente a fim de não repetir nunca essas condutas contrárias à nossa vocação e aos nossos valores. Desejamos recriar o futuro a partir da fé, da humanidade, do respeito e da proteção de cada criança, da aposta decidida pelos jovens e uma fraternidade regenerada e pascal.

Contamos com raízes importantes no Instituto, a partir de nossas origens e ao longo de nossa história. Quem melhor pode contá-la são as gerações de idosos. Ao mesmo tempo, buscamos acolher os tempos novos, a geração atual de jovens, com suas riquezas e suas limitações. "As raízes não são âncoras que nos amarram a outras épocas e nos impedem encarnar-nos no mundo atual para fazer nascer algo novo. São, pelo contrário, um ponto de enraizamento que nos permite desenvolver-nos e responder aos novos desafios. Então, tampouco serve «que nos sentemos a lamentar tempos passados; temos que assumir com realismo e amor nossa cultura e enchê-la de Evangelho. Somos enviados hoje para anunciar a Boa Nova de Jesus aos tempos novos. Devemos amar nossa hora com suas possibilidades e riscos, com suas alegrias e dores, com suas riquezas e seus limites, com seus acertos e seus erros»".[47]

Assim pois, trata-se de sonhar junto com os jovens e favorecer seu protagonismo, fazendo realidade várias iniciativas do Secretariado de Educação e Evangelização e as que algumas outras equipes nos estão propondo estes anos. Não sonhemos "para eles", senão "com eles". Um sonho que não é pessoal, senão comunitário.

Para isso, necessitamos dar-nos espaços de reflexão e de escuta, abrir-nos à novidade, enriquecer-nos com as diversas experiências e, sobretudo, tentar descobrir qual é o sonho de Deus para nossos dias e que papel desempenhamos cada um para levá-lo a cabo.

[47] *Christus Vivit*, n. 200, citando Eduardo Pironio, Mensagem aos jovens argentinos no Encontro Nacional de Jovens em Córdoba (12-15 de setembro de 1985), 2

3. Ajudando-nos a sonhar

Desde nossos inícios, com o Pe. Champagnat e os primeiros Irmãos, muitos sonharam e buscaram viver com coerência o carisma marista. Há aqueles que sonharam antes que nós e nos ajudaram a fazê-lo. Cito algumas ideias dos últimos Superiores Gerais no que tange à animação vocacional e ao cuidado da vida marista nascente.

O Ir. Basílio Rueda, além de apresentar uma análise sobre as mudanças sociais e culturais do momento, convidava a uma renovação dos métodos pastorais: "Ali onde falharam e fracassaram os fundamentos tradicionais, sobre os que se apoiava a promoção vocacional de então, não valerá a pena obstinar-se em seguir fazendo como antes. A sagacidade consistirá em inspirar-se nos meios pastorais anteriores para adaptá-los com lucidez e criatividade a um novo contexto".[48]

Tem aqueles que sonharam antes que nós e nos ajudaram a fazê-lo.

O Ir. Charles Howard, publicou em 1987 a Circular «As Vocações», primeira no Instituto com este tema. Dizia: "O perigo radica em dar toda a culpa aos fatores exteriores a nós: mudança de cultura, mudança de atitudes nos jovens, falta de apreço à vocação de Irmão, mudanças na Igreja, preocupação excessiva pela realização pessoal, espírito materialista, etc. Seria insensato ignorá-los, porém, seria também pouco inteligente deduzir que não podemos fazer nada".[49]

Em sua circular «*Caminhar em paz, mas depressa*» (1997), o Ir. Benito Arbués expressa que somos chamados a comprometer-nos na pastoral de vocações e na formação: "Quero, outra vez, evitar dualismos: trata-se de testemunhar e de atuar. As duas coisas. Porém, minha convicção é que não tem melhor ação que o próprio testemunho. Recordo: Quando nossa vida irradia esperança e gozo

[48] Ir. Basilio RUEDA, Circular A *Fidelidade,* Roma, 8 de setembro de 1984, Vol. XXVIII, 003-519 Casa Geral, 1984, p. 128

[49] Cf. Ir. Charles HOWARD, Circular *As Vocações,* Roma, 1 de novembro de 1987, Vol. XXIX, Casa Geral, 1987, *p.* 55



Rio Gier - Notre-Dame de l'Hermitage

cristãos, suscitamos nos jovens o desejo de comprometer-se a seguir a Cristo. Isto dizem as Constituições (*C* 82) e eu estou convencido disso. A vida atrai. Sobretudo a de um grupo, a de uma comunidade; é muito mais convincente que a de um só indivíduo".[50]

Em 2004, em sua carta *Reavivar a chama!, como motivo do Ano vocacional marista,* o Ir. Seán sinaliza claramente que "nossa razão fundamental para suscitar vocações deve ser o zelo pela missão, e não o desejo de sobreviver «a todo custo»".[51] Lança aos Irmãos o desafio de reorganizar seus compromissos para chegar a dedicar "20 por cento de seu melhor tempo diretamente a esse trabalho".[52] Utiliza a expressão *cultivo das vocações ou «cultura vocacional»* para

[50] Cf. Ir. Benito ARBUÉS, Circular *Caminhar em paz, mas depressa,* Roma, 8 de novembro de1997, Vol. XXX, I, Casa Geral, 1997, n. 34

[51] Ir. Seán SAMMON, *Carta Inaugural ¡Reavivar a chama! Ano Vocacional Marista,* Roma, C.S.C. Grfica, S.R.L., 2004, pp. 8-9

[52] *Ibid,* p 10

descrever o ambiente favorável que necessita uma vocação para enraizar e florescer. Logo, na Circular convocatória ao 21º Capítulo Geral, «*Corações novos para um mundo novo*»,[53] o Ir. Seán Sammon pede para não titubear à hora de liberar as pessoas que parecem indispensáveis nas Províncias para levar a cabo o trabalho de animação vocacional. Recorda que a melhor ferramenta para atrair a possíveis candidatos será sempre a qualidade de nossa vida de Irmãos e convida a ser sensíveis frente a fenômenos tão atuais como a globalização e a internacionalidade.[54]

Em 2016, o Ir. Emili Turú, em sua Carta *Fourvière: a revolução da ternura,* expressava: "creio que estamos vivendo um momento de redescobrimento e revalorização de nossa vocação, começando por nós mesmos".[55] Faz alguns meses foi publicado o documento: *Identidade e Missão do Religioso Irmão na Igreja,*[56] no qual, destaca o Ir. Emili: "uma das tarefas próprias dos Irmãos na Igreja é a de exagerar a fraternidade; (…) trata-se, no fundo, de reconhecer que a comunidade está no coração de nossa vida e que a vivência da fraternidade é um dos melhores dons que podemos aportar à grande comunidade eclesial e ao mundo.[57] Nesta mesma carta, o Ir. Emili expressa: "Creio que hoje a grande maioria de Irmãos entendemos com nossa cabeça - e espero que também com nosso coração - que o laicato marista é um extraordinário dom do Espírito à nossa família religiosa."[58] E que "Irmãos e Leigos nos colocamos a caminho juntos". [59]

Mais recentemente, o XXII Capítulo Geral de 2017, ano do Bicentenário da fundação de nosso Instituto, sinalizou que o futuro do carisma estará baseado em uma comunhão de maristas plenamente comprometidos e que necessitamos estruturas e processos que reconheçam e apoiem nossos distintos caminhos vocacionais como maristas. Sugeriu que nos comprometamos pessoal e comunita-

[53] Cf. Ír. Seán SAMMON, *Corações novos para um mundo novo.* Circular Convocatória ao XXI Capítulo Geral, 8 de setembro de 2008, Vol. XXXI, n. 4

[54] Cf. *Ibid,* 39-40

[55] Ir. Emili TURÚ, Carta *Fourvière: a revolução da ternura,* 6 de junho de 2016, p. 12

[56] CIVCSVA, *Identidade e Missão do Religioso Irmão na Igreja*, 4 de outubro de 2015

[57] Ir. Emili TURÚ, Carta *Fourvière: a revolução da ternura,* 6 de junho de 2016, p. 13

[58] *Ibid*, p. 14

[59] *Ibid*, p. 17

riamente a estar mais presentes entre os jovens, acompanhando-os com propostas vocacionais proativas e renovando nossos planos de ação vocacional.[60]

Por meio destas pinceladas, podemos observar que, durante os últimos anos, o tema de gerar nova vida marista esteve muito presente nos sonhos e realizações dos Superiores Gerais. Percebe-se que a forma como se quis enfrentar o tema da crise vocacional foi buscando dar uma resposta global e adaptada aos tempos. Resposta que quer atender o desafio da renovação e adaptação da vida religiosa ao tempo atual, passando pela renovação pessoal de cada Irmão, de cada comunidade e da ação pastoral e evangelizadora. Insiste-se no testemunho pessoal e, sobretudo, comunitário.

Com respeito ao conceito de *vocação* e de *pastoral vocacional* há uma contínua evolução nos últimos anos. De uma linguagem de *recrutamento* e *promoção vocacional* passou-se, já faz muito tempo, a falar de *pastoral ou de animação vocacional*, que seja *aberta a todos*, buscando que *cada jovem encontre seu próprio lugar*. De uma pastoral que parecia "pertencer" só aos Irmãos passa-se a uma pastoral de missão compartilhada, Irmãos e Leigos corresponsáveis da vida e missão maristas e, portanto, corresponsáveis em gerar nova vida marista. Valoriza-se a riqueza das diferentes vocações dentro da Igreja e, quanto ao carisma marista, as vocações à vida consagrada e à vida laical maristas, reconhecendo que ambas se complementam.

A forma como se quis enfrentar o tema da crise vocacional foi buscando dar uma resposta global e adaptada aos tempos.

No hoje de nossa história, a partir de nossos pontos fortes e, junto com nossa debilidade e vulnerabilidade, corresponde-nos sonhar e ajudar a sonhar. O sonho de gerar nova vida. E, ao mesmo tempo, buscar a maneira de tornar concreto este sonho.

[60] Cf. Irmãos Maristas, *Documento final do XXII Capítulo Geral*, Rio Negro, Colômbia, 2017

4. Gerar vida junto com os jovens

Em outubro de 2018, tive o privilégio de participar do Sínodo sobre "os jovens, a fé e o discernimento vocacional". Junto com o Papa Francisco, os bispos, religiosos, religiosas e alguns leigos, participaram também da Assembleia Sinodal em torno de quarenta jovens procedentes dos cinco continentes. A presença ativa deste grupo, que havia vivido o encontro pré-sinodal de jovens com o Papa, ofereceu elementos de reflexão muito enriquecedores ao longo do processo sinodal. Pude experimentar, em mim mesmo e em tantos outros participantes, uma mudança de atitude e de olhar com relação aos jovens.

O contato, o diálogo e a proximidade favoreceram a escuta e a compreensão mútua. O Papa o expressa desta maneira: "Nós que já não somos jovens, necessitamos ocasiões para ter de perto a voz e o estímulo deles, e «a proximidade cria as condições para que a Igreja seja um espaço de diálogo e testemunho de fraternidade que fascine». Necessitamos criar mais espaços onde ressoe a voz dos jovens: «A escuta faz possível um intercâmbio de dons, num contexto de empatia […]. Ao mesmo tempo, põe as condições para um anúncio do Evangelho que chegue verdadeiramente ao coração, de modo incisivo e fecundo»".[61]

No primeiro dia, o Papa Francisco convidava-nos a falar com valentia e a escutar com humildade. Pediu para abrir-nos à novidade. Convidou-nos para gerar no Sínodo um futuro positivo, inspirador para todos os jovens.

Ressoam em mim profundamente algumas ideias que foram sendo gestadas ao longo do processo sinodal: não queremos falar "da Igreja e os jovens", como se fossem dois mundos separados. Os jovens são parte importante e essencial da Igreja; o protagonismo e a liderança juvenil, levam-nos a não falar de pastoral para os jovens senão de pastoral com os jovens; a importância de ter um olhar positivo para as novas gerações, aceitando e compreendendo ao mesmo tempo seus desafios e limitações; tentar ser uma Igreja empática, privilegiando a escuta; buscar como ocupar-nos pastoralmente de todos os jovens e, particularmente, daqueles que têm sofrido algum tipo de abuso; ver que respostas dar

[61] *Christus Vivit*, n. 38

diante do mundo da migração, cuja maioria são jovens; a necessidade de agentes de pastoral preparados e atualizados…

Essas e muitas outras ideias foram se concretizando no documento final do sínodo. Dali nasceu *Christus Vivit*, uma Exortação Apostólica do Papa que contém criativamente vários parágrafos dirigidos aos jovens. São dois documentos que tomo como referência aqui, dada sua importância e atualidade com relação ao tema que trato.

Ao longo do Sínodo, houve muitos momentos de intercâmbio em grupos linguísticos nos quais se dialogava abertamente e se podia elaborar propostas. Durante os momentos da Assembleia, cada participante teve a ocasião de expresar-se, ao menos uma vez, durante quatro minutos. Era muito interessante escutar os pensamentos, reflexões e experiências de pessoas procedentes de tantas partes do mundo. Também se podiam perceber distintas visões ou maneiras de perceber a realidade juvenil ou de propor ações pastorais. Foi a ocasião de buscar consenso nos critérios e linhas comuns.

Em minha breve intervenção na assembleia, mencionei que, em nossos dias, necessitaremos situar-nos humildemente mais como discípulos que como mestres, buscando co-criar, lado a lado com os jovens, o sonho de Deus. Cremos que os jovens entendem as palavras que usamos? Questionam-se hoje sobre termos como vocação, discernimento, …? Não é certo que aos jovens o evangelho chega-lhes e interpela, porém, nossas estruturas "religiosas" não muito?

Necessitaremos situar-nos humildemente mais como discípulos que como mestres, buscando co-criar, lado a lado com os jovens, o sonho de Deus.

E propus que se trata então de *promover uma renovada cultura vocacional* buscando conectar e sintonizar com as novas gerações, com um olhar positivo, encontrando as linguagens adequadas e compreendendo o próprio contexto. É necessário favorecer particularmente o protagonismo de cada jovem para que ele mesmo seja o artífice principal de sua própria vocação.

As gerações jovens de hoje, como as nossas o fizeram em seu momento, aportam novidade e criatividade. Contam com muitos traços positivos, junto com elementos de fragilidade, como foi nosso caso. São capazes de conectar-se facilmente entre eles e de criar relações, mesmo que às vezes nos parece que temem aprofundá-las e fazê-las duradouras; constroem com desenvoltura redes solidárias e são capazes de ações altruístas, tendo que lutar contra tudo aquilo que os leva a centrar-se demasiado neles mesmos, numa sociedade que favorece o egocentrismo e a indiferença; há sinais de sua sede e abertura à experiência interior e espiritual, ainda que manifestem dificuldade com relação ao tema institucional; a era digital é seu mundo (e o nosso), abre-lhes inumeráveis possibilidades, ao mesmo tempo que pode ameaçá-los o risco da despersonalização.

Como fazer para colocar-nos mais a sua escuta, seguindo a Champagnat que os buscava nas aldeias e caminhos? Como converter-nos mais em discípulos e assim aprender a seu lado, reinventando a presença amorosa entre eles que Marcelino nos propôs? Como conectar-nos mais com eles, utilizando linguagens adequadas e acessíveis, à maneira de nosso Fundador, sua adaptação, sua busca de pedagogias novas, sua abertura a missões inexploradas?

Queremos formar lares de luz junto com os jovens. Eles são luz para nós.

O papa Francisco destaca "que os próprios jovens são agentes da pastoral juvenil, acompanhados e guiados, porém livres para encontrar caminhos sempre novos com criatividade e audácia" e que "se trata de colocar em jogo a astúcia, a engenhosidade e o conhecimento que têm os jovens, da sensibilidade, da linguagem e das problemáticas dos outros jovens".[62]

Queremos formar *lares de luz* junto com os jovens. Eles são luz para nós. Sua contribuição e criatividade permitem-nos respirar um ar fresco, enquanto nos oferecem pistas para desenvolver e adaptar nossa missão. Trata-se da experiência de fazer o caminho juntos, onde nos situamos todos como discípulos em

[62] *Christus Vivit*, n. 203

aprendizagem mútua. Buscamos que cada comunidade, cada família, seja um lar que cuida e ilumina aqueles que o formam e aqueles que o rodeiam. Desejamos que por si mesmo cada centro educativo, evangelizador, social, toda missão que realizamos, seja um espaço de luz, que replique e multiplique a experiência de um *lar de luz*. Queremos realizar tudo isto, junto com os jovens.

5. "Para que tenham vida": recriar nossa cultura vocacional

Desde nossas origens, os olhares de tantas crianças e jovens necessitados, e particularmente o olhar do jovem Montagne, cativaram Marcelino Champagnat. O amor de Deus que experimentava em si, junto com estes olhares, levaram-no a responder com audácia. Sua generosidade, entrega e paixão para atender os jovens marcou-nos desde os inícios. Somos um Instituto que, por mais de 200 anos, dedica-se à educação e evangelização da juventude, procurando priorizar uma atenção aos mais pobres e necessitados. Fizemos isto e continuamos fazendo-o, procurando que as crianças e jovens "*tenham vida e a tenham em abundância*" (Jo 10,10).

Querer gerar nova vida nos leva a abrir-nos e a ter uma perspectiva inclusiva, alinhada com a afirmação do Papa e do Sínodo: "todos os jovens, sem exclusão, estão no coração de Deus e, portanto, no coração da Igreja".[63] Poderíamos dizer que todos os jovens, sem exclusão, estão no coração do Instituto, de nossas obras apostólicas, de nossas comunidades, fraternidades ou famílias? Quanto nos cativa hoje o olhar dos jovens, especialmente o olhar dos Montagne de hoje?

Sinalizei para a importância de ter um olhar positivo para as gerações atuais, acolhendo os diversos dons que possuem, assim como as limitações. Ao mesmo tempo, se nos apresenta o desafio de como gerar vida nova em situações limite… Situações de jovens que vivem em contextos de guerra e padecem violência em forma de sequestros, extorsões, crime organizado, tráfico de seres

[63] *Christus Vivit*, n. 235

humanos, escravidão e exploração. Jovens perseguidos por causa de sua fé. Outros que estão presos a formas de crime e violência, como crianças-soldados, gangues armadas e criminosas, tráfico de drogas ou terrorismo. Violência que trunca muitas vidas de jovens. Jovens que são ideologizados, outros que padecem formas de marginalização e exclusão social por razões religiosas, étnicas ou econômicas. Muitos são vítimas de violência sexual, droga, pornografia.[64]

Criar ou converter-nos em *lares de luz que geram nova vida* implicará sair de nosso mundo de comodidades e seguranças, e querer ser luz no meio das sombras por meio de ações concretas como a acolhida, a compreensão, a proximidade com os jovens… e também a solidariedade, a gratuidade, a dedicação verdadeiramente prioritária de nosso tempo e recursos. A luz leva a gerar mais luz: reconhecer neles seu desejo de sentir-se plena e dignamente humanos, seu desejo de ser tratados como filhos de Deus, seu sonho de fraternidade, seu desejo de desenvolver-se e aportar algo ao mundo, sua sensibilidade artística e sua busca de harmonia com a natureza, seus desejos de comunicar-se… são pontos de partida que esperam uma palavra de estímulo, de iluminação, de alento.

Criar ou converter-nos em lares de luz que geram nova vida implicará sair de nosso mundo de comodidades e seguranças.

Nossa missão desenvolve-se em alta porcentagem por meio de obras educativas e evangelizadoras em escolas formais, uma plataforma prioritária que nunca devemos perder. Contamos também com um bom número de obras sociais que desenvolvem a missão educativa e evangelizadora, oferecendo uma atenção mais direta às crianças e jovens que vivem na pobreza e em situações de periferia. Várias centenas de milhares de crianças e jovens acodem diariamente às obras maristas em tantos países do mundo. A escola católica segue sendo essencial como espaço de evangelização dos jovens.[65] Trata-se então de realizar uma pastoral educativa, juvenil, capaz de criar espaços inclusivos, aonde haja lugar para todos e cada um dos jovens.

[64] Cf. *Christus Vivit*, n. 72-74

[65] Cf. *Christus Vivit*, n. 222

Um ponto essencial para gerar nova vida entre os jovens é favorecer o ambiente necessário para que cresçam e se realizem plenamente, sintonizando com o sonho de Deus para eles. Daí ser preciso considerar o acompanhamento para um discernimento vital a partir de uma perspectiva nova. Reconhecer e, ao mesmo tempo, verificar, se a ação educativa e evangelizadora que realizamos aponta para aquilo que ajuda o jovem a se construir como pessoa integrada.

Quer dizer que todos, e cada um dos jovens, contem com os elementos necessários para conhecer-se, com seus dons e limitações, integrar sua própria história, descobrir-se como seres muito amados de Deus e dispor-se a buscar e encontrar a melhor maneira de poder servir neste mundo. Pois "para realizar a própria vocação é necessário desenvolver-se, fazer brotar e crescer tudo o que se é" e "não se trata de inventar-se, de criar-se a si mesmo do nada, senão de descobrir em si mesmo a luz de Deus e fazer florescer o próprio ser".[66]

Hoje "não é possível entender em plenitude o significado da vocação batismal se não se considera que esta é para todos, sem excluir ninguém, um chamado à santidade". [67] Resulta daí que nossa ação pastoral se centra em cada jovem, em favorecer sua busca de vida em plenitude. Se olhamos a partir desta nova perspectiva, o acompanhamento para um discernimento vital, colocaremos nossa energia em buscar que todos e cada um dos jovens tenha vida plena e gozosa. Produzir-nos-á uma profunda alegria constatar que cada jovem vai se desenvolvendo como uma pessoa feliz que vive para servir os outros. O papa João Paulo II, quem utilizou por primeiro a expressão *cultura vocacional*, dizia: "Desejo, antes de tudo, chamar a atenção para a urgência de promover, as que podemos chamar «atitudes vocacionais de fundo»[68], que originam uma autêntica «cultura vocacional»".[69]

---

[66] *Christus Vivit*, n. 257

[67] Sínodo dos Bispos, *Documento final: os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, n. 84

[68] Nota: O Papa menciona estas atitudes vocacionais de fundo: a formação das consciências, a sensibilidade para os valores espirituais e morais, e a promoção e defesa dos ideais da fraternidade humana, do carácter sagrado da vida humana, da solidariedade social e da ordem civil. Indica que se trata de alcançar uma cultura que permita ao homem moderno voltar a encontrar a si mesmo, recuperando os valores superiores do amor, amizade, oração e contemplação. Expressa que esta cultura da vocação constitui o fundamento da cultura da vida nova, que é vida de agradecimento e gratuidade, de confiança e responsabilidade; no fundo, é cultura do desejo de Deus, que dá a graça ao homem de apreciar-se si mesmo, e de reivindicar constantemente sua dignidade diante de tudo o que pode oprimi-lo no corpo e no espírito. Ver mensagem completa em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/es/messages/vocations/documents/hf_jp-ii_mes_08091992_world-day-for-vocations.html

[69] João Paulo II, *Mensagem para a 30ª Jornada Mundial de Oração pelas Vocações*, 8 de setembro de 1992, n. 2

Existem muitos elementos que, a partir das diversas pastorais, podem oferecer-se aos jovens, para atender as necessidades vocacionais sempre presentes em seu interior, mesmo que não sempre expressas ou conscientes: a educação da interioridade e espiritualidade, que levam o jovem a experimentar-se muito amado por Deus e a entrar em diálogo com Ele; as experiências de entrega gratuita e solidária, através das quais os jovens aprendem a valorizar o serviço desinteressado aos outros, particularmente àqueles que mais necessitam; a vivência em grupo e o trabalho cooperativo que favorecem o encontro com os demais.

No documento marista *Evangelizadores entre os jovens*, expressa-se claramente a necessidade de uma pastoral integrada: "A dimensão vocacional é parte essencial da pedagogia da pastoral juvenil marista. A pastoral vocacional encontra na pastoral juvenil um espaço vital privilegiado e a pastoral juvenil é mais completa e eficaz quando se abre à dimensão vocacional. Esta integração ajuda aos jovens a ser protagonistas de sua existência e lhes oferece a oportunidade de construir seu projeto de vida". [70]

Com relação à pastoral familiar destaco a iniciação ao «acompanhamento do voo dos filhos» conforme à pedagogia de Deus. Como a águia que primeiro mostra como voar, depois sustenta os pequenos controlando seu voo e finalmente deixa-os voar de forma autônoma sem retê-los para si. A pastoral familiar deve atender à preparação dos pais no processo de desapego, da saída serena do filho da carapaça protetora da família, que faz parte essencial da vocação de ser pais. Trata-se de atender às relações entre pais e filhos, com o fim de que a vocação e as diferentes escolhas, possam ser acolhidas de forma conjunta. Que os pais atuem de forma livre e libertadora e não como «patrões ou vítimas» dos filhos diante do fenômeno vocacional.[71]

Nem sempre é fácil para os pais acolher o dom vocacional de seus filhos quando estes se sentem chamados a algo muito diferente do que os pais imaginaram. Esta dificuldade apresenta-se em muitas ocasiões quando o jovem ou a

[70] Irmãos Maristas, *Evangelizadores entre os jovens*, 2011, n. 135

[71] Cf. Mario Oscar LLANOS, Servir as vocações na Igreja. Pastoral vocacional e pedagogia da vocação, Roma, LAS, 2005, pp. 337-338

jovem sente o chamado à vida consagrada ou sacerdotal. Nossa própria experência vocacional nos ensinou sobre isto, ou ainda, quando temos acompanhado alguém em seu discernimento vocacional. Que importante é fazer caminho também com os pais de família, oferecendo-lhes informação, proximidade e acompanhamento.

Nossa ação pastoral se centra em cada jovem, em favorecer sua busca de vida em plenitude.

Precisamos valorizar e promover a diversidade de carismas e ministérios que existem na Igreja, começando pelo dom da vocação laical, que é a da maioria dos batizados, incluído o matrimônio como vocação. Valorizar e apreciar o dom da vida consagrada, em seus diversos carismas, assim como o dom do ministério sacerdotal. Em meio a esta diversidade de dons e carismas, buscamos centrar a atenção no dom que cada jovem traz em seu interior, à maneira de uma semente que busca germinar, desenvolver-se, crescer e dar fruto.

A partir dessa nova perspectiva ou *cultura vocacional*, podemos também falar do acompanhamento específico para uma determinada opção de vida. Junto com uma pastoral aberta a todo jovem, corresponde também um acompanhamento vocacional específico. E, em nosso caso, aqueles que sentem chamados a receber e acolher o dom do carisma marista em suas vidas, para vivê-lo como religioso Irmão ou como Leigo marista. Centro minha reflexão sobre este tema nos seguintes dois parágrafos.

6. Um futuro com nova vida marista

No contexto de uma pastoral aberta a todos os jovens, fazemos caminho junto com eles em sua busca vocacional, consciente ou escondida, a partir do olhar de Deus. Neste caminho de acompanhamento, há uma parte mais específica na qual os maristas de Champagnat temos uma séria responsabilidade com respeito ao dom recebido: manter viva e contagiar a chama do carisma marista.

Isto realizamos por meio do testemunho pessoal e comunitário de nossas vidas, de nossos *lares de luz*, e dando-o a conhecer às novas gerações.

Junto com o testemunho de tantos Irmãos e Leigos que vivem apaixonadamente o dom do carisma, faz-se necessário oferecer ocasiões para dar-lhe mais visibilidade, assim como dedicar momentos específicos para propor o carisma marista para nossos dias. Corresponde-nos assumir com seriedade a tarefa de compartilhar o dom que o Espírito suscitou por intermédio de São Marcelino Champagnat e que, com o passar dos anos, foi se desenvolvendo e adaptando a cada época da história.

Que importante é fazer caminho também com os pais de família, oferecendo-lhes informação, proximidade e acompanhamento.

Em parágrafos anteriores, referi-me à necessidade de uma nova perspectiva, uma *nova cultura* vocacional. Quer dizer, centrar a atenção em cada jovem para acompanhá-lo no discernimento e desenvolvimento de seu próprio dom que percebe como chamado de Deus. Com relação ao carisma marista, também necessitamos um novo paradigma, tanto na maneira de conceber a vocação marista, como na forma de dá-la a conhecer e acompanhar aqueles que se sentem chamados a vivê-la. Em nosso tempo, não seria válido manter uma animação vocacional centrada em "promover e atrair" vocações para nosso Instituto. Não quero dizer com esta ideia que não deveríamos propor a vocação de Irmão, e compartilhar a felicidade de nossa vida como Irmãos… senão que o paradigma que hoje nos é pedido, é centrarmo-nos prioritariamente na pessoa, sua vocação de plenitude, e a palavra amorosa que Deus sussurra pessoalmente no interior de cada jovem… e não tanto "o desejo de sobreviver «a todo custo»", [72] como expressou o Ir. Seán Sammon durante o Ano vocacional, em 2005.

Não é fácil mudar o paradigma de muitas coisas que temos vivido no passado e nos impedem viver os tempos atuais. Alguns, ainda carregamos o forte peso coletivo de haver chegado a ser quase dez mil Irmãos, durante os anos

[72] Ir. Seán SAMMON, *Carta Inaugural. Reavivar a chama! Ano Vocacional Marista,* Roma, C.S.C. Gráfica, S.R.L., 2004, pp. 8-9



La Valla – Ponte onde Champagnat se encontra com João Maria Granjon, primeiro Irmão Marista (foto de 2013, quando foi esvaziada a represa).

sessenta e, desde então, termo-nos visto diminuir e envelhecer paulatinamente. Sabemos que esta experiência tem sido em parte resultado de uma revolução eclesial e social na qual entramos, todo mundo, e todas as vocações de especial consagração na Igreja. Como parte dessa revolução, temos também a grata experiência de um laicato cristão e um laicato marista que foi surgindo, cada vez com mais força, como um grande dom para o Instituto e para a Igreja.

Uma nova perspectiva, uma nova cultura vocacional, um novo paradigma, pede-nos de ter um novo olhar. Atrever-me-ia a dizer: tentar ter o olhar de Deus. Como imaginamos que Deus sonha o carisma marista para nossos dias e para o futuro? Já te puseste a pensá-lo e a imaginá-lo?

A vocação marista de Irmão teve, nestes últimos anos, uma maior afirmação no interior da Igreja e dentro do próprio Instituto, como talvez poucas

A vocação marista de Irmão teve, nestes últimos anos, uma maior afirmação no interior da Igreja e dentro do próprio Instituto, como talvez poucas vezes sucedeu antes na história.

vezes sucedeu antes na história. O documento "*Identidade e Missão do Religioso Irmão na Igreja*", saiu à luz no ano de 2015. É o primeiro documento eclesial referido particularmente aos religiosos Irmãos. Sinaliza com insistência a importância de viver a fraternidade em forma profética, pois é o dom que recebemos para testemunhá-lo radicalmente.

No dia 2 de janeiro de 2020, recebemos a versão oficial do texto "*Aonde fores: Regra de vida dos Irmãos maristas*", documento do XXII Capítulo Geral. Neste documento aparecem as grandes linhas do documento eclesial acima citado, junto com reflexões emanadas das Constituições e da experiência de nossa vida consagrada. Convida-nos a viver com radicalidade o dom da fraternidade:[73]

> "Na tua vocação de Irmão,
> és chamado a viver este dom em plenitude e sem reservas.
> Cada família religiosa
> manifesta de forma particular algum atributo de Jesus.
> A nossa está chamada a tornar visível na Igreja e no mundo
> o rosto de Cristo-irmão".

O processo de revisão profunda de nossas Constituições surgiu da necessidade de uma conversão do coração, em vistas de um mundo novo, e se realizou com ampla participação dos Irmãos com o fim de ajudar a revitalizar nossa vocação. Fizemos o caminho. Nas Constituições renovadas buscou-se agrupar, de forma mais integrada, os aspectos essenciais de nossa vida consagrada. Constituições, Estatutos e Regra de vida, três documentos que formam um só conjunto e que buscam animar-nos a viver coerentemente nosso seguimento de Jesus como Irmãos maristas.

[73] *Aonde fores, Regra de vida dos Irmãos Maristas*, n. 2

Junto com esses documentos, contamos em várias partes do mundo com testemunhos vivos e alegres de jovens que respondem ao chamado a seguir Jesus com nosso estilo de vida. São um dom para nossa família. Dizem-nos com sua vida que o Senhor segue chamando e que conta com jovens generosos que desejam segui-lo. Corresponde-nos acolhê-los como dom, acompanhá-los e deixar-nos interpelar por eles. Eles podem oferecer-nos perspectivas novas com relação ao carisma, uma vez que aprendem da experiência e da história que compartilhamos com eles.

Fazendo um percurso pelo Instituto, anima-nos encontrar tantos Irmãos que vivem com alegria e paixão sua vocação, entregando-se cotidianamente ao serviço dos jovens e dos mais necessitados. Ao mesmo tempo, tenho a impressão de que bom número de Irmãos vive ainda uma espécie de crise de identidade, que os impede viver com entusiasmo o futuro, chegando a pensarmque "isto acabou", sem ter mais razões para esperar. É triste, pois consciente ou inconscientemente, podem estar bloqueando iniciativas e ações suscitadas pelo Espírito por intermédio daqueles que buscam vida, renovação e desejam gerar nova vida. Seria o momento de tentar olhar a realidade desde uma nova perspectiva: acolher o dom da vocação marista daqueles que sentem o chamado a vivê-lo, seja como religioso Irmão, seja como Leigo ou Leiga marista.

Em várias ocasiões terão me escutado dizer que não deveria preocuparnos tanto a quantidade, neste caso refiro-me ao número de Irmãos. Sem interessar-nos tanto quantos somos ou quantos seremos, o ponto mais importante é verificar se estamos vivendo com paixão e coerência nossa vocação. E se vivemos a vocação intensamente como grupo, como comunidade, quanta *luz* ofereceríamos ao mundo! Nosso estilo de vida contagiaria a expectativa e a atração pela vida consagrada e levaria a mais de um jovem a perguntar-se, se também é portador deste dom, pois é Deus quem o dá.

Temos um dom precioso de vida, felicidade, fraternidade e muitas vezes não sabemos transmiti-lo. Ou o ocultamos em nossos vasos de barro, quando é algo que o mundo de hoje, e em especial os jovens, necessitam. Se soubéssemos ser, de verdade e com simplicidade "mestres de espiritualidade" ou ao menos companheiros deste caminho, "profetas de fraternidade" ou ao menos testemu-

nhas alegres, "agentes de felicidade" ou ao menos buscadores junto aos jovens… nos converteríamos em luz nova cada um de nós e, cada comunidade marista, em um *lar de luz.*

Cada um de nós tem sua própria história vocacional, que é única e diferente. Talvez o Espírito se valeu de um mínimo detalhe para atrair nossa atenção e, com o passar do tempo, fomos discernindo e confirmando o chamado, buscando dar nossa melhor resposta. Não faltou a mediação de algum Irmão ou de alguma comunidade, nossa família, um amigo, uma experiência solidária, um retiro espiritual. Creio que, em nossos dias, algo semelhante continua acontecendo, e se os jovens alcançam ter um ouvido afinado e se conectam com sua sede mais sincera, poderão reconhecer o chamado em seu interior.

Além de pôr o olhar em nossa própria vida como Irmãos, abrimo-nos a uma nova perspectiva que nos faz capazes de acolher cada vez mais a novidade que o Espírito suscitou, particularmente nos últimos anos: o dom de tantos Leigos e Leigas comprometidos com o carisma e a missão maristas a ponto de vivê-los, muitos deles, como vocação própria recebida de Deus.

Acolher cada vez mais a novidade que o Espírito suscitou, particularmente nos últimos anos: o dom de tantos Leigos e Leigas comprometidos com o carisma e a missão maristas a ponto de vivê-los, muitos deles, como vocação própria recebida de Deus.

A mesa de La Valla é um símbolo claro e atrativo para todos quantos vibramos hoje em profundidade com o carisma de Marcelino. Uma mesa na qual há lugar para todos: Irmãos, Leigos maristas, educadores, educadoras e pessoas servindo nas obras maristas, crianças, jovens, antigos alunos, famílias, junto com alguns sacerdotes, religiosos e religiosas que alimentam seu caminhar vocacional nas fontes maristas. Uma mesa que acolhe a todos os maristas de Champagnat. Uma mesa à qual todos se podem aproximar. Esta é a maravilha do dom do carisma marista doado à Igreja e ao mundo, que nos faz sentir e formar uma grande família.

O documento *"Em torno da mesma mesa"*, referente à vocação laical marista, expressa: "Dentro desta comunhão eclesial, o Espírito fez brotar, entre os Leigos, carismas que nasceram, na origem, em institutos religiosos. O dom do carisma compartilhado inaugura *um novo capítulo, rico de esperanças* no caminho da Igreja. O carisma de são Marcelino Champagnat expressa-se em novas formas de vida marista. Uma delas é a do laicato marista".[74] Quando partilhamos e escutamos diretamente testemunhos de pessoas comprometidas com o carisma marista, torna-se mais fácil compreender de que trata o dom da vocação laical dentro do Instituto e da Igreja.

Ao longo dos últimos anos, temos realizado um caminhar importante com relação à vocação laical marista. Ainda nos falta caminho por percorrer. Contamos hoje com um grande número de Leigos e Leigas que discernem sobre sua maneira de viver e comprometer-se com o carisma marista. Há os que pertencem às fraternidades do Movimento Champagnat da Família Marista. Outros formam parte de diversos grupos ou de algumas Associações. Muitos se comprometeram por longo tempo na missão. Existe um grupo que realizou algum tipo de compromisso dentro de algumas Províncias. Sabemos que, entre todos eles, há um grupo nuclear que vive de coração sua vocação cristã e marista. Com relação a esta vocação, temos textos de reflexão e apoio muito valiosos.[75]

Todos, maristas de Champagnat, a partir do chamado e vocação com os quais nos presenteia o Espírito, somos chamados a ser rosto mariano entre os jovens e, sobretudo, entre os pobres. O XXII Capítulo Geral insistiu na comunhão, na corresponsabilidade da vida e missão maristas, nas estruturas e nos processos.[76] Caminhar juntos, em comunhão, maristas de Champagnat, apaixonados e plenamente comprometidos, é uma chave importante e capital para o futuro do carisma marista.

---

[74] Irmãos Maristas, *Em torno da mesma mesa. A vocação dos Leigos maristas de Champagnat,* Roma, 2009, n. 7

[75] Nota: O documento *Em torno da mesma mesa – A vocação dos Leigos maristas de Champagnat* foi publicado em junho de 2009. Outros dois documentos: *Ser Leigo marista e Projeto de vida em fraternidade* (Movimento Champagnat da Família Marista) foram apresentados ao Capítulo Geral pelo Secretariado de Leigos, depois de um processo de elaboração muito participado. Consideramos estes textos como documentos de referência para todos os Maristas de Champagnat.

[76] Cf. Irmãos Maristas, *Documento final do XXII Capítulo Geral*, 2017, seção "como Maristas de Champagnat", Rio Negro, Colômbia, 2017

Busquei expressar o alto valor que tem cada uma das vocações maristas. Tenho a impresão de que, no Instituto, ainda não atingimos um sadio equilíbrio em relação à valorização destas vocações. Penso que, inclusive às vezes, perdemos energia em gerar discussões que não nos levam longe.

Por isso gostaria de insistir em que, tanto Irmãos como Leigos, podemos crer profundamente que Deus segue suscitando a vocação marista de Irmãos em nossos dias. E que, ainda que em algumas partes do mundo faz tempo que não surgem, ou têm surgido muito poucas em número, não deveríamos deixar de confiar nos tempos e caminhos de Deus e, ao mesmo tempo, continuar fazendo um esforço contínuo.

E também é para todos, Irmãos e Leigos, o chamado a crer profundamente que o Espírito está suscitando a vocação marista laical e que temos que colocar mais energia e meios para acompanhá-la e fazê-la desenvolver. Pode ser que em algumas partes do mundo se acolhe com mais facilidade o surgir desta vocação. Em outros lugares, parece que, apesar de tudo, não há suficiente clareza. Então, colaboramos pouco para suscitar, acolher e fazer crescer o dom do laicato dentro do Instituto e da Igreja.

Será importante continuar gerando espaços de reflexão conjunta nos quais, Irmãos e Leigos, podemos aprofundar o tema. Que, nestes espaços, imaginemos e sonhemos a vida marista do futuro, a maneira de ser Irmão, a maneira de ser Leigo ou Leiga marista. E, em consequência, que possamos oferecer uma pastoral vocacional específica clara, dando visibilidade e favorecendo ambas vocações.

Há ainda caminho a fazer. Talvez em muitos de nossos centros educativos, os alunos ou pessoal que colabora, depois de passar vários anos na Instituição, chegam a ter muito pouco conhecimento sobre a vida marista. Necessita-se fazer novos esforços e pôr energia para fazer mais visível o dom do carisma, evitando desde já qualquer atitude proselitista. Trata-se de contagiar, a partir dos *lares de luz* que vínhamos falando. Assim, os que nos veem perguntem-se: Por que este educador marista e sua família vivem a partir dessas opções? Por que o Irmão transmite tanta alegria quando vive sua entrega de maneira incansável?

Por que este Irmão ou aquele Leigo transmite tanta ternura em sua maneira de escutar, acolher e compreender? Será que eu também sou chamado a viver algo semelhante? Estes são exemplos de algumas maneiras de questionar-se. Provavelmente os jovens de hoje o fariam de maneira mais simples e seguramente muito variada.

7. Acompanhamos a vida marista nascente

Só com maristas apaixonados no seguimento de Jesus, como religiosos Irmãos ou como Leigos maristas, será possível construir «Um Novo La Valla», expressei na conclusão do XXII Capítulo Geral aos delegados capitulares. "Eu não duvidaria em investir tudo o que seja necessário em energias humanas e recursos financeiros para suscitar e acompanhar os processos vocacionais. Com isto quero insistir equilibradamente na necessidade do testemunho, conjugado com ações planejadas para gerar nova vida marista. Queria propor-me e propor-lhes que dediquemos, ao longo do ano, o correspondente a um dia por semana (aproximadamente 50 dias por ano) a apoiar conscientemente e de perto, ações ou presenças que cultivem e acompanhem a vida marista nascente, seja na forma de vida religiosa ou laical. Cada um pode perguntar-se como poderia fazê-lo no concreto. E tomara que isto pudesse ser vivido por muitas pessoas nas diversas realidades do mundo marista. De minha parte, quero ser o primeiro a viver este convite que vos lanço".[77]

Busquei expressar o alto valor que tem cada uma das vocações maristas.

Três anos depois de ter realizado o Capítulo Geral, reafirmo o mesmo convite e hoje o estendo a todo Instituto. Quais seriam os aspectos que deveríamos considerar para priorizar o acompanhamento da vida marista nascente?

[77] Ir. Ernesto SÁNCHEZ BARBA, Palavras de encerramento do XXII Capítulo Geral, Rio Negro, Colômbia, 20 de outubro de 2017

Quando olho o passado, identifico vários momentos e situações que, desde pequeno, tanto em família como na escola marista, foram tecendo minha caminhada vocacional. Meus *lares de luz*. Houve pessoas que cuidaram de mim e me acompanharam em minha busca. O testemunho de vários professores, Irmãos e Leigos, marcaram-me sobretudo na etapa de minha adolescência e juventude.

Recordo que, sendo aluno do colégio marista, senti atração pela vocação de Irmão pela primeira vez quando tinha doze anos de idade. Durante a etapa do Ensino Médio fiz parte do grupo de Pastoral Juvenil Marista. As experiências de solidariedade com os mais necessitados e o contato com a comunidade de Irmãos foram pontos chave que me fizeram considerar seriamente a opção pela vida religiosa marista. Um dos Irmãos nos acompanhava, pessoalmente e no grupo. Tenho presente o entusiasmo que sentia quando aprendia sobre a vida de Champagnat. A vivência de um retiro e a iniciação na oração foram decisivas em minha busca. Recordo muito bem a proximidade e o diálogo que aconteceu com meus pais, por parte dos Irmãos, quando lhes falei de meu interesse de ir ao postulado, pois não me era fácil falar com eles sobre este tema. Fui privilegiado pelas pessoas que me acompanharam ao longo de minha formação marista desde seu início. Agradeço a cada um deles, particularmente a sua proximidade e apoio nos momentos de dificuldade.

"Eu não duvidaria em investir tudo o que seja necessário em energias humanas e recursos financeiros para suscitar e acompanhar os processos vocacionais.

Cada um de nós fez seu próprio caminho vocacional. Cada um viveu de perto ou a partir de dentro de algum *lar de luz*. No meu caso, além de sentir-me agradecido por meu próprio itinerário, vivi com entusiasmo e paixão a Pastoral Juvenil e Vocacional ao longo de minha vida marista. Este entusiasmo e paixão tenho encontrado em muitos Irmãos e Leigos no Instituto. Apresento em continuação alguns elementos que considero importante ter em conta. Quando narrei minha própria experiência, pensei que talvez não necessitamos coisas muito extraordinárias, senão meios ordinários e

comuns, dos quais já tivemos experiência no Instituto e que talvez poderíamos recuperar ou redimensionar:

1. Começo assinalando a importância de considerar o tema vocacional de maneira integrada num processo de aprendizagem e crescimento na **vida de oração**. Favorecer uma atitude de abertura e disponibilidade diante de Deus que nos ama incondicionalmente. Seu chamado é atual e contínuo. Nossa oração é vocacional em si mesma, pois é parte do dinamismo de escuta e resposta, de abertura e disponibilidade diante do amor de Deus que experimentamos em nós. Então, não se trataria tanto de "rezar pelas vocações" senão de convidar a partilhar nossa oração e de orar juntos, de abrir-nos à presença e à vontade do Pai. Os jovens, as famílias, os educadores, as fraternidades, as comunidades… juntos orando em comunhão e celebrando a fidelidade de Deus na vida de cada um.

2. Outro aspecto que desejo sinalizar refere-se à revisão dos atuais **planos de animação vocacional** em nível provincial e local. Planos que abarcam linhas e ações para acompanhar cada jovem em sua busca e, ao mesmo tempo, contêm um parágrafo específico relacionado com o acompanhamento vocacional marista. Verificar se existe um programa que propõe os temas, adequando-os à idade e à etapa dos adolescentes e jovens. É importante que os planos contenham uma base que favoreça e acompanhe um processo de conhecimento e de conversão ao evangelho, de iniciação à vida cristã… e assim evitar o risco de querer saltar etapas.

3. Renovar nossas **linguagens de comunicação com os jovens**. Colocar os meios digitais e nossa presença nas redes a serviço do Reino. É de grande ajuda a presença dos próprios jovens no momento de fazer planos ou de contar com eles como parte das equipes onde possam exercer protagonismo. Suas iniciativas e o uso dos meios de comunicação atuais ajudam a apresentar os valores cristãos e maristas de maneira atrativa e atualizada.

4. Revisar como estamos engajados na **etapa universitária**. Muitos jovens, apenas terminada a etapa do Ensino Médio, é quando talvez começarão a fazer-se perguntas mais de fundo relacionadas com sua opção de vida. Outros

o farão durante sua etapa universitária ou quando a concluam. Tenho a impressão de que não estamos suficientemente presentes nesta etapa e que poderíamos fazer algo mais para servir e acompanhar o seu caminhar cristão a tantos jovens que quiçá passaram por nossos colégios ou grupos. Talvez nosso melhor serviço seja ajudar a buscar e encontrar "sentido". Em várias de nossas universidades maristas, e outras em que estamos presentes, existem planos e ações pastorais muito adequados para esta etapa. Seria a ocasião de revisar como se leva a cabo o acompanhamento dos jovens em vista de sua opção de vida.

5. Oferecer oportunidades aos jovens onde possam viver **a gratuidade e a solidariedade**, sobretudo com pessoas da periferia e com mais necessidade. O contato direto com realidades de carência e de pobreza tem questionado a muitos jovens sobre sua opção de vida. Trata-se de experiências solidárias acompanhadas e relidas nas quais, a partir do clamor dos pobres, descobre-se o rosto de Jesus presente neles. Mais de uma opção vocacional radical surgiu entre os jovens após viver uma experiência intensa de voluntariado. Uma característica dos jovens de hoje é sua abertura a ações altruístas e voluntárias na linha da solidariedade. Sempre tendo presente, neste tipo de experiências, o foco central e a missão a serviço dos pobres, assim como a pessoa e seu desenvolvimento. Trata-se, certamente, também de uma ajuda para o próprio descobrimento vocacional, sem que isto seja o objetivo prioritário.

Quando olho o passado, identifico vários momentos e situações que, desde pequeno, tanto em família como na escola marista, foram tecendo minha caminhada vocacional. Meus lares de luz.

6. Avaliar se vamos atuando **juntos, Irmãos e Leigos**, nas propostas e processos de acompanhamento humano, cristão e vocacional. Ver como engajamos as comunidades e Irmãos e, em determinadas ocasiões, a alguns Irmãos de mais idade, cuja contribuição é muito valiosa ao transmitir-nos histórias de fidelidade pessoal, de vidas felizes e inclusive heróicas. Alentar os Leigos maristas para que ofereçam seu testemunho de vida. Envolver os jovens na etapa da formação

inicial e os Irmãos de votos temporários para que conectem com as novas gerações e partilhem sua experiência de vida. Há também muitos voluntários e voluntárias que poderiam transmitir os valores que aprenderam por meio de sua vivência.

7. É importante o acompanhamento **das famílias**, por meio do contato, oferecendo informação, gerando processos de reflexão. Convidar, em ocasiões oportunas, pais de família para oferecer seu testemunho de vida, relacionando com sua própria experiência matrimonial e também com respeito a sua abertura para saber deixar seus filhos «empreender seu próprio voo». Recordo algumas experiências muito positivas quando os pais de algum Irmão ou de algum jovem em formação marista compartilhava sua experiência com outros pais de família. É muito valiosa a contribuição dos Leigos maristas neste tema da família, tanto pelo próprio testemunho que dão, como pelo acompanhamento que podem oferecer com respeito à vocação marista.

8. Necessitamos pessoas, **Irmãos e leigos**, que se dediquem, seja a tempo completo ou de maneira parcial, **ao serviço da animação vocacional**. Quando se faz uma animação juvenil-vocacional de maneira integrada, é importante definir a tarefa daqueles que acompanham de perto os que discernem uma vocação específica, em particular a vocação marista. Em nível de Província ou de Distrito, poderíamos identificar a pessoa ou pessoas responsáveis da animação vocacional, que trabalham em equipe e que coordenam as equipes locais ou dos países (nas Unidades Administrativas que estão presentes em mais de um país). Seria preocupante encontrar Províncias ou Distritos que não destinam pessoas para este serviço. Um sinal de aposta pela vida e pelo futuro consiste em ser generosos em destinar e formar Irmãos e Leigos para o serviço do acompanhamento integral dos jovens, incluindo a animação vocacional.

9. É de grande ajuda se o serviço de animação vocacional se realiza em **conexão com outras congregações religiosas e com as dioceses**. Trabalhar unidos para acompanhar a diversidade de carismas que Deus suscita entre os jovens. É importante colaborar em equipes "inter" de maneira que se dê conhecimento e apoio mútuo. Também é a oportunidade para dar a conhecer a vocação marista, que em muitos âmbitos é pouco conhecida ou considerada, em parte talvez porque não nos fazemos suficientemente presentes.

10. Dentro dos planos, o **acompanhamento pessoal** exerce um papel chave e é um elemento transversal a incluir em todas as iniciativas. É um serviço que necessitamos oferecer a todo jovem que o deseja e, particularmente, aos que desejam discernir sua vocação específica e, em alguns casos, a marista. Quantos Irmãos e Leigos estamos preparados para oferecer este serviço de acompanhamento? Que programas levamos a cabo para formar no acompanhamento? No Sínodo sobre os jovens, fez-se notar a carência de pessoas peritas e dedicadas ao acompanhamento e se reconheceu a necessidade de preparar consagrados e leigos, homens e mulheres que estejam qualificados para o acompanhamento dos jovens.[78]

Essas e muitas outras iniciativas poderiam ser parte de **um plano sistemático e integral**, de maneira que o tema da vocação em geral, e de maneira específica a vocação marista, formem parte de uma apresentação natural entre os jovens. Os Irmãos e os Leigos maristas estamos convidados a contribuir com as iniciativas propostas pelas equipes responsáveis da animação educativa, evangelizadora e vocacional. Os responsáveis, individualmente e em equipe, oferecem um grande serviço como animadores e como memória para o grupo. Ajudam-nos a conectar mais facilmente com os jovens a partir das atividades e iniciativas propostas. Creio que podemos fazer um esforço para colocar mais energia e recursos humanos para o acompanhamento dos jovens, especialmente aos que sentem atração pelo carisma marista para vivê-lo como Irmão ou como Leigo marista. Para finalizar este ponto, semeemos com fé e esperança.

Um elemento vital, que de uma ou outra maneira mencionei ao longo desta circular, refere-se a nossas comunidades.

E junto com tudo isto, um elemento vital, que de uma ou outra maneira mencionei ao longo desta circular, refere-se a **nossas comunidades**. Começar por querer realmente ser *lares de luz que cuidam da vida e geram nova vida.* E,

[78] Cf. *Christus Vivit*, n. 244

em consequência, colocar os meios para alcançá-lo. Acolher os jovens, orar com eles, compartilhar os alimentos, conviver, não teria que ser a exceção senão o mais normal em nossa vida comunitária. Há comunidades demasiado inacessíveis, com muitas portas físicas para atravessar, muitas escadas para subir… e muitas barreiras que colocamos. Certamente pode haver momentos especificamente preparados para eles. Que bom se não tivéssemos que fazer nada "muito especial" ou "artificial" nestas ocasiões, senão que nossa maneira de orar, de acolher, de dialogar, integrasse naturalmente esse contato com as novas gerações. As fraternidades, as famílias de Leigos maristas podem viver também esta abertura como algo natural e ordinário e, talvez, assim aconteça já com mais frequência.

CONCLUSÃO

Coloco em suas mãos essas reflexões com simplicidade, buscando gerar mais reflexão e ação da parte de todos e cada um. Talvez os tempos que estamos vivendo, a partir da pandemia mundial, levem-nos a mudanças e novidades antes insuspeitadas. Talvez alguns elementos que propus nesta circular tenham que adaptar-se ao novo contexto.

Enquanto pensava na conclusão, veio-me à mente com força a passagem dos discípulos de Emaús, passagem que no Sínodo apareceu muitas vezes quando nos sugeriam a maneira de acompanhar as novas gerações. Porém, nesta ocasião, gostaria de aplicá-la ao momento que vivemos como Instituto.

Pode acontecer que com frequência invade-nos a tristeza e a desolação, pois vivemos tempos confusos. Temos mais perguntas que respostas e, como homens e mulheres de ação, desejaríamos encontrar soluções eficazes e atuar prontamente. Nos últimos anos mudaram tantas coisas no Instituto, na Igreja, na sociedade…. Alguns não conseguimos entender todo este movimento. A outros nos custa muito viver em tempos de incerteza. No entanto, mesmo que talvez não o percebamos claramente, o Senhor caminha conosco, acompanha-nos de perto em nossa própria escuridão, envia-nos sinais de uma ou outra maneira. Porém, nossos olhos não os reconhecem, explica-nos e não entendemos…

É então, quando a fé e a espera nos dizem que Ele aí está, que quer e quis permanecer entre nós, porque se faz tarde, porque já é noite... e que o reconhe-



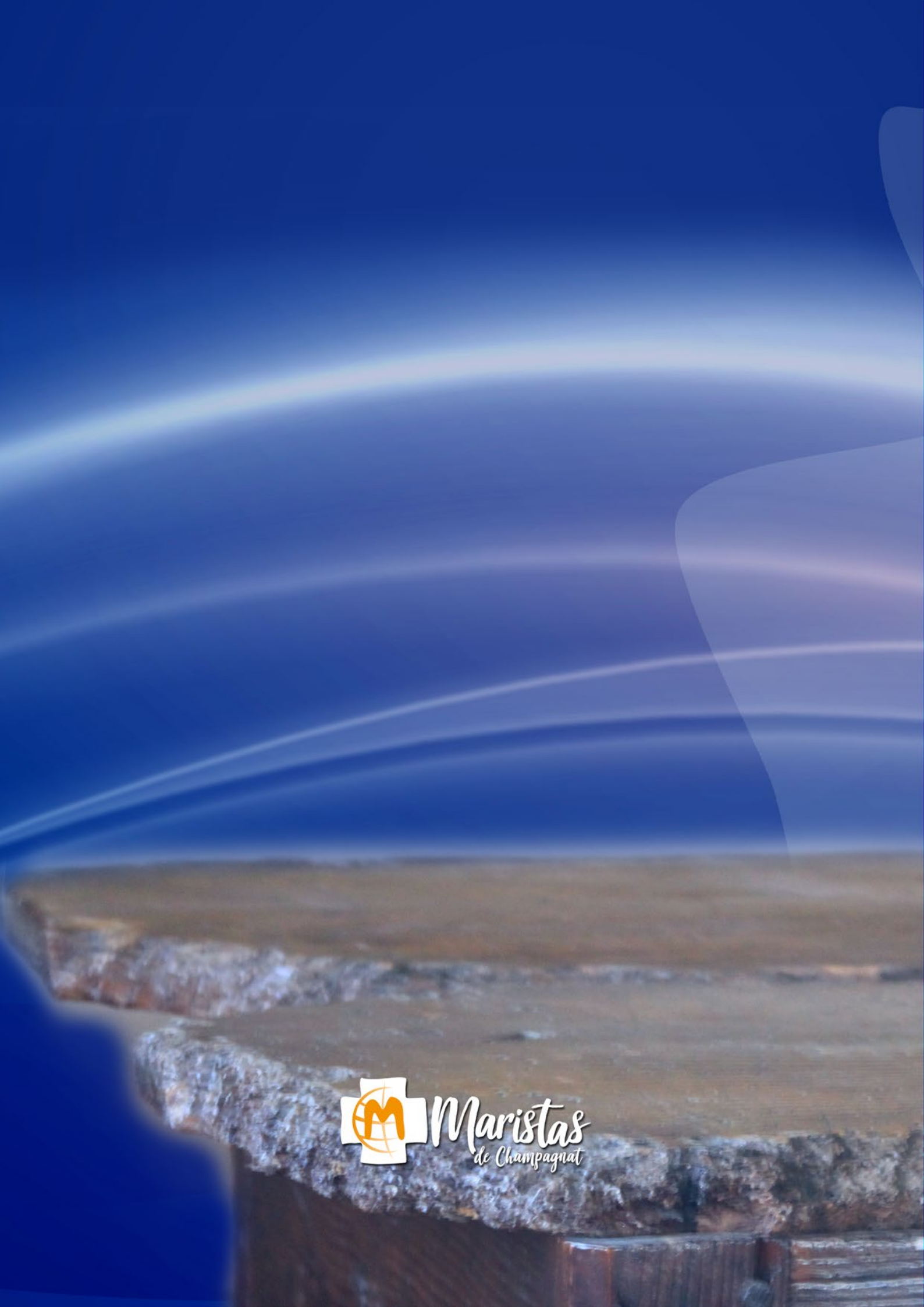
Oratório da comunidade em Notre-Dame de l'Hermitage

cemos ao partir juntos o pão, ao formar sinergia a partir dele, ao atrever-nos a dar-nos como Jesus, "partindo-nos" para o bem dos demais, para o bem da vida de cada jovem... E é então quando reconhecemos que arde nosso coração de paixão por Deus e pela humanidade, como o de Marcelino e o de Maria. Necessitamos que este coração ardente reavive a luz em nossos lares.

Abramo-nos com esperança e vamos sem demora, como os discípulos, anunciar que está presente e vivo, este Jesus, por quem nossa vida e missão têm sentido.

Ali, junto com os demais discípulos, sabemos que está Maria, próxima e solidária, como está hoje entre nós, nesta sua obra. Estamos nas mãos da Boa Mãe. Não podíamos estar em melhores mãos! Acompanhados por ela, construamos *lares de luz que cuidam da vida e geram nova vida*.

Fraternalmente,
Ir. Ernesto Sánchez Barba
8 de setembro de 2020


Maristas
de Champagnat